



Instituto Universitário

MODELOS INTERNOS DINÂMICOS DE  
VINCULAÇÃO, RELAÇÕES DE OBJECTO  
INTERNALIZADAS E QUALIDADE DAS  
AMIZADES EM JOVENS DELINQUENTES  
INTERNADOS NUM CENTRO EDUCATIVO

ANA SOFIA DA LUZ GANCHO – N.º 12985

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Dr. José António dos Santos, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673 / 2006 publicado em Diário da República nº2 Série de 26 de Setembro, 2006.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu orientador de Seminário de Dissertação, Professor Doutor António José dos Santos por toda a orientação, disponibilidade e transmissão de conhecimentos que me enriqueceu tanto a nível profissional como pessoal, disponibilizando apoio e motivação constantes, mesmo nos momentos mais difíceis. Um obrigada sentido.

Ao Professor Doutor Nuno Torres um agradecimento profundo pelo apoio e disponibilidade.

À linha 1 Psicologia do Desenvolvimento da Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação (UIPCDE), pela colaboração no tratamento dos dados.

A toda a equipa do Centro Educativo da Bela Vista e em especial à direcção, Dra. Conceição Condeço, um enorme agradecimento pela oportunidade na recolha de dados e pela confiança depositada.

Aos educandos do Centro Educativo da Bela Vista pela receptibilidade e sem os quais este estudo não teria sido possível.

A todos os meus amigos pela compreensão e força que sempre me transmitiram, e por me fazerem acreditar que vale sempre a pena tentar. Às companheiras de viagem: Carla Paulino, Joana Pipa, Marta Antunes e Cristina Viegas: conseguimos chegar a um porto seguro! Em especial às minhas “mais que tudo” Sofia Rocha e Rita Sá pela paciência, disponibilidade e carinho. Sem vocês todo este percurso não faria o mesmo sentido!

Aos meus queridos pais, pela paciência, pela compreensão, pelo apoio e amor incondicional, pelo incentivo e por toda a confiança que depositaram em mim. Por todos os dias em que aprendo convosco e que me fazem crer que é na partilha e com amor que crescemos humanamente. A vocês dedico este trabalho! Sem vocês eu não seria quem sou.

Ao meu mano, por tudo o que és, porque em ti sem que tenho um porto, sempre, seguro e que nos teus braços sei que tudo vai correr bem. Enriqueces a minha vida!

E por fim mas não menos importante, ao meu querido Pedro por acreditar em mim, pelo incentivo, pelo amor, pelo carinho, pela presença e ajuda constante, pela paciência incansável. E por tudo o que sou quando estou contigo!

## RESUMO

A Teoria da Vinculação e as Teorias de Relação de Objecto do modelo psicanalítico, embora desenvolvidas de forma independente, são duas teorias que procuram contribuir para a compreensão do funcionamento mental do ser humano, e o seu percurso tem vindo a convergir em alguns aspectos. A presente investigação pretendeu relacionar três temáticas entre si, nomeadamente, os Modelos Internos Dinâmicos (MID), o funcionamento interpessoal e a qualidade das amizades em adolescentes com comportamentos delinquentes. Aplicaram-se a uma amostra de 33 jovens as *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (NRVA)*, para avaliar os MID de Vinculação, a escala *Social Cognition and Object Relations Scale Relations (SCORS)*, nas dimensões Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações, Capacidade de Investimento Emocional em Relações e em Padrões Morais e Complexidade das Representação das Pessoas com o intuito de compreender o funcionamento interpessoal do jovem, e o questionário *Friendship Quality Questionnaire (FQQ)* a fim de avaliar a qualidade das amizades. Os resultados evidenciaram que não existe correlação entre os MID e as dimensões da *SCORS*. No entanto, algumas subescalas do *FQQ* encontraram-se correlacionadas com os MID e a *SCORS*. Encontrou-se ainda uma correlação positiva entre a institucionalização anterior à data de entrada no centro educativo e as dimensões do *SCORS*, e entre o regime de internamento em centro educativo e a qualidade das amizades. Assim, foi possível estabelecer algumas relações no que respeita a estes campos teóricos.

**Palavras-chave:** Teoria da Vinculação, Relação de Objecto, Amizades, Adolescentes, Comportamentos Delinquentes.

## ABSTRACT

The Attachment Theory and the Object Relations Theories of the psychoanalytical model, though developed in an independent way, are two theories that endeavour to contribute to the understanding of the mental functioning of the human being, and their development is gradually converging in several aspects. The present research has intended to interrelate three thematic, namely the Internal Working Models (IWM), the interpersonal functioning and the quality of the friendships in adolescents with delinquent behaviours. The *Representation Narratives of the Attachment in Adults (NRVA)* were applied to a sample of 33 adolescents to evaluate the dimensions of the IWM of Attachment, the scale *Social Cognition and Object Relations Scale Relations (SCORS)*, in the Affect-Tone Relationship Paradigms, Capacity for Emotional Investment in Relationships and Morals, and Complexity of Representations of People aiming to understand the interpersonal functioning of the young person, and the *Friendship Quality Questionnaire (FQQ)* in order to evaluate the quality of the friendships. The results made evident that there is no correlation between the IWM and the dimensions of the *SCORS*. However, some *FQQ* sub-scales were found in correlation with the IWM and the *SCORS*. It was also found a positive correlation between the institutionalization prior to the date of entrance in the educational center and the dimensions of *SCORS*, and between the confinement regime in educational center and the quality of the friendships. It was thus possible to establish some correlations in what concerns these theoretical fields.

**Key-words:** Attachment Theory, Object Relations, Friendships, Adolescents, Delinquent Behaviours.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>3</b>
Capítulo I.....	3
Teoria da Vinculação e Modelos Internos Dinâmicos.....	3
Avaliação dos Modelos Internos Dinâmicos de Vinculação .....	5
Modelos Internos Dinâmicos na Adolescência .....	8
Investigação dos Modelos Internos Dinâmicos na Adolescência.....	12
Capítulo II.....	13
Teorias Psicanalíticas de Relação de Objecto e as Relações de Objecto Internalizadas ..	13
Teoria de Relação de Objecto de Melanie Klein.....	14
Teoria de Relação de Objecto de Fairbairn .....	14
Teoria de Relação de Objecto de Sullivan.....	14
Teoria de Relação de Objecto de Margaret Mahler.....	15
Pontos de Convergência entre as Teorias de Relação de Objecto .....	15
Investigação Empírica das Relações de Objecto Internalizadas.....	16
Capítulo III .....	18
Amizades .....	18
Amizades e Adolescência.....	19
Qualidade das Amizades .....	21
Capítulo IV .....	25
Jovens com Comportamentos Delinquentes/Desviantes .....	25
Institucionalização .....	27
Capítulo V .....	29
Interligação .....	29
Objectivos.....	31
<b>MÉTODO .....</b>	<b>32</b>
Delineamento.....	32
Participantes .....	32
Instrumentos .....	33
Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (NRVA; Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001) .....	33

Procedimento de aplicação das NRVA .....	34
Cotação das NRVA .....	35
Social Cognition and Object Relations Scale (SCORS; Westen et al., 1990).....	35
Procedimento de aplicação da SCORS.....	37
Cotação da SCORS.....	38
Cotação da Dimensão Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações .....	38
Cotação da Dimensão Capacidade de Investimento Emocional em Relações e em Padrões Morais .....	39
Cotação da Dimensão Complexidade das Representações das Pessoas.....	41
Friendship Quality Questionnaire (FQQ; Parker & Asher, 1989).....	42
Procedimento de aplicação do FQQ .....	43
Cotação do FQQ .....	43
<b>ANÁLISE DE RESULTADOS.....</b>	<b>44</b>
<b>DISCUSSÃO .....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXOS</b>	
Anexo A – <i>Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos</i> (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001) adaptação para adolescentes (Steiner, Arjomand & Waters, 2003).....	75
Anexo B – <i>Relationship Anecdotes Paradigm</i> (Luborsky, 1990).....	82
Anexo C – <i>Friendship Quality Questionnaire</i> (Parker & Asher, 1989) .....	84
<b>LISTA DE TABELAS</b>	
Tabela 1 – Médias e desvios-padrão das histórias.....	44
Tabela 2 – Correlação entre as histórias Mãe-Criança e Pai-Criança.....	45
Tabela 3 – Correlações entre as dimensões da <i>SCORS</i> .....	46
Tabela 4 – Estatística descritiva e fiabilidade das 6 subescalas.....	47
Tabela 5 – Correlações entre as dimensões do <i>FQQ</i> .....	48
Tabela 6 – Correlações entre as histórias das Narrativas de Vinculação e as dimensões da <i>SCORS</i> .....	49
Tabela 7 – Correlações entre as histórias das Narrativas de Vinculação e as dimensões do <i>FQQ</i> .....	50

Tabela 8 – Correlações entre as dimensões da <i>SCORS</i> e as dimensões do <i>FQQ</i> .....	51
Tabela 9 – Distribuição das médias e desvios-padrão para os valores das dimensões da <i>SCORS</i> em relação à institucionalização anterior e valores de T de Student.....	52
Tabela 10 – Distribuição das médias e desvios-padrão para os valores das subescalas do <i>FQQ</i> em relação ao regime de internamento e valores de T de Student.....	53

## **LISTA DE DIAGRAMAS**

Diagrama 1 – Principais Correlações Significativas e Tendências encontradas.....	54
--	----

## INTRODUÇÃO

A necessidade de relacionamento encontra-se inerente à condição humana, por este motivo, a vinculação está presente ao longo de toda vida, desde o nascimento até à morte (Bowlby, 1969, 1982). Denomina-se de vinculação sempre que um sujeito cria um laço afectivo com outro sujeito específico (Ainsworth, 1969). Através das relações que se estabelecem precocemente, relações essas que ocorrem geralmente com os pais, a criança desenvolve representações de vinculação do funcionamento e da importância das relações próximas. Estas representações são designadas de modelos internos dinâmicos e guiam o comportamento na relação com os cuidadores, influenciando as expectativas, as estratégias e o comportamento em relações posteriores (Bretherton, 1985).

Neste sentido, a relação precoce que se estabelece com os pais irá influenciar o modo como a criança se relacionará e posicionará perante novas relações. Na mesma linha e embora epistemologicamente distintas, surgem as teorias das relações de objecto. Entre as várias teorias é possível estabelecer pontos de convergência que permitem nomeá-las de correntes psicanalíticas de relações de objecto. Para as teorias psicanalíticas de relação de objecto, o relacionamento precoce com os cuidadores primários é algo fulcral que irá influenciar o modo como o indivíduo se expressa e desenvolve ao longo da sua vida (Westen, 1991; Summers, 2002; Bienenfeld, 2005; Greenberg & Mitchel, 2003). Deste modo, a teoria da vinculação e as teorias de relação de objecto são teorias complementares e motores de compreensão da psique do ser humano.

O período no qual se manifesta a maior mudança nas relações ocorre na transição da infância para a adolescência, sendo esta a fase na qual o jovem inicia a construção de relações baseadas em suporte mútuo (Cauce *et al.*, 1996). Os amigos conquistam, portanto, um papel bastante significativo, contribuindo para o ajustamento psicossocial (Fonzi & Tani, 2000; cit. por Rabaglietti & Ciairano, 2008). Dada a importância que os amigos assumem neste período, sempre que existem sucessivas rupturas e quebras nos laços familiares e sociais durante a infância e uma ausência de relações afectivas positivas com os pais, a criança procura o suporte no grupo de amigos (Carvalho, 2004). Assim, as amizades assumem um papel de extrema importância durante este período, influenciando o crescimento social e emocional dos jovens (Savin-Williams & Berndt, 1990; Hartup, 1993). Não obstante, esta procura de suporte no grupo de amigos pode levar ao desenvolvimento de comportamentos delinquentes

(Carvalho, 2004). Quando as relações próximas conduzem a resultados desadaptados (Abecassis *et al.*, 2002; Hartup, 2001; Rubin *et al.*, 1998; cits. por Lansford *et al.*, 2003), como no caso das relações de pares desviantes, torna-se evidente a existência de altos níveis de agressividade durante a adolescência (Capaldi *et al.*, 2001; cit. por Lansford *et al.*, 2003). É, por conseguinte, possível afirmar que as amizades dos adolescentes servem não só para transgredir as regras dos adultos, mas também para mentir e desobedecer (Cairano *et al.*, 2007).

Revela-se pertinente abordar a questão da nomenclatura no que respeita à delinquência juvenil. Na literatura este fenómeno surge de várias formas, nomeadamente, delinquência juvenil, comportamento delincente, comportamento desviante, comportamento *externalizado*, comportamento anti-social, criminalidade juvenil, entre outras. No presente estudo serão utilizados preferencialmente os termos comportamento delincente e comportamento desviante.

É possível classificar o comportamento delincente e o comportamento desviante como fazendo parte do grupo dos comportamentos *externalizados*, uma vez que estes podem ser entendidos como todos os comportamentos que pressupõem um acto “voltado para fora” e manifestado através de problemas comportamentais ou de agir (Silva, 2002). Entre os problemas de *externalização* mais comuns encontra-se a delinquência juvenil (Steinberg, 1999). Segundo Doron e Parot (2001), a delinquência é definida como sendo um conjunto de condutas sintomáticas complexas, multidimensionais que se exprimem por uma transgressão das regras sociais e dos interditos.

A preferência recai pela utilização do termo comportamento delincente devido ao facto de este fornecer uma conotação de algo momentâneo e transitório (Silva, 2002). Já o termo delinquência juvenil tem a conotação de uma entidade, síndrome ou quadro mais estável e duradouro (Silva, 2002). Por conseguinte, se se optasse por esta denominação ter-se-ia corrido o risco de reduzir toda a identidade do jovem ao acto transgressor cometido (Foucault, 1997). Deve ainda salientar-se a importância de uma correcta distinção entre comportamentos delincentes ocasionais e o desenvolvimento de carreiras criminais (Steinberg, 1999). Não obstante, no presente estudo não é possível classificar os jovens de forma inequívoca, dado que, embora tenham cometido delitos consecutivos, por se encontrarem na adolescência, não devem ser incluídos numa carreira criminal.

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### Capítulo I

#### Teoria da Vinculação e Modelos Internos Dinâmicos

Em consonância com Bowlby a vinculação no ser humano desempenha um *papel vital...desde o berço até ao túmulo* (1969, 1982, p. 208). As relações de vinculação ou ligações afectivas de proximidade são aquelas que se caracterizam pela sua unicidade e exclusividade, desempenhando um importante recurso na procura de conforto e de apoio, em que estão implicados afectos intensos especialmente em momentos de separação (Matos & Costa, 1996). Segundo Ainsworth (1969), a vinculação refere-se a um laço afectivo que é estabelecido entre duas pessoas, independentemente da idade, sendo o primeiro laço geralmente criado com a mãe. No entanto, a figura de vinculação não deve ser restringida à mãe, uma vez que esta pode ser qualquer pessoa desde que a criança a eleja para dirigir o seu comportamento de vinculação. Desta forma, é passível que qualquer indivíduo se torne figura de vinculação desde que se envolva numa interacção activa e estável com a criança, respondendo aos seus sinais e às suas aproximações.

A teoria da vinculação surgiu de um trabalho conjunto de dois autores, designadamente, John Bowlby (1907-1990) e Mary Ainsworth (1913-1999), possuindo as suas bases em conceitos de áreas bastante distintas como a etologia, a cibernética, o processamento de informação, a psicologia do desenvolvimento e a psicanálise (Bretherton, 1992). Através desta teoria, Bowlby reformulou a ideia sobre ao vínculo entre as mães e as crianças, e as consequências que a privação, separação e perda podem causar.

O ambiente de adaptabilidade evolutiva (*environment of evolutionary adaptedness*) e o de proximidade são dois conceitos base desta teoria (Bowlby, 1984). O ambiente de adaptabilidade evolutiva advém da teoria da evolução, isto é, no ambiente de adaptabilidade evolutiva do homem, comportamentos como o medo do escuro, o comportamento de base segura e outros que evidenciam ansiedade e representam um estado de alerta, diminuem a vulnerabilidade aos predadores garantindo a sobrevivência. Assim, o homem desenvolve um conjunto de capacidades em interacção com o ambiente seguro. Este ambiente é proporcionado pela proximidade da figura parental. Deste modo, todos os comportamentos de

vinculação (Bowlby, 1984), como de sinalização (sorriso e vocalização), de natureza aversiva (choro) ou activos (agarrar e gatinhar), embora a sua especificidade seja distinta, remetem para uma noção espacial de distância, ou seja, todos demonstram o objectivo do bebé: estar próximo da sua figura de vinculação (Bretherton, Ridgeway & Cassidy, 1990). O comportamento de vinculação resulta de uma interacção articulada onde ambos os intervenientes executam papéis que lhes estão atribuídos, por um lado o bebé procura activamente a satisfação das suas necessidades de protecção e segurança e por outro o adulto desempenha o papel de proporcionar a satisfação dos cuidados solicitados pelo bebé Bowlby (1984). É a partir deste intercâmbio relacional que o adulto se constitui como figura de vinculação para o bebé. As duas manifestações particulares que demonstram a vinculação preferencial do bebé são a angústia perante o estranho e o protesto na separação (Bowlby, 1984).

O sistema de vinculação é constituído por cinco sistemas motivacionais-comportamentais, designadamente, sistema de vinculação, sistema exploratório, sistema afiliativo, sistema medo-angústia e sistema de *caregiving*. O primeiro, o sistema de vinculação propriamente dito, tem como objectivo o estabelecimento de proximidade física com a figura de vinculação em função do contexto, regulando e controlando tanto os elementos activadores (elementos indicadores de perigo) como os extintores (proximidade da figura de vinculação) dos comportamentos. O segundo, o sistema exploratório, encontra-se relacionado com a curiosidade e com o domínio. O terceiro, o sistema afiliativo, relaciona-se com a tendência biológica que contribui para a sobrevivência do indivíduo e com a construção da moralidade. O quarto, o sistema medo-angústia relaciona-se com o controlo constante que a criança executa quanto à qualidade do contexto onde se encontra inserida, isto é, se é ameaçador ou securizante. Por último, o sistema de *caregiving*, prende-se com a capacidade de prestar cuidados a alguém mais novo. Todos estes sistemas estão organizados e em sintonia, pelo que a sua activação relaciona-se mutuamente (Bowlby, 1984).

Importa referir que a diferença central entre a teoria da vinculação e a teoria psicanalítica remete para a ênfase que Bowlby colocou nos acontecimentos reais e não nos intrapsíquicos, ou seja, em episódios ordinários e quotidianos em detrimento de eventos traumáticos enquanto determinantes das relações de vinculação (Oppenheim & Waters, 1995).

## **Avaliação dos Modelos Internos Dinâmicos de Vinculação**

Conforme supra-mencionado a teoria da vinculação foi influenciada por diversas áreas de investigação que serão abordadas em seguida. A pesquisa de Loenz (1935; cit. por Montagner, 1993) demonstrou que os gansos estabeleciam uma relação de *imprinting* ou impregnação com uma figura que não era da mesma espécie. Os trabalhos realizados por Harlow (1958, 1959; cit. por Montagner, 1993) com macacos *rhésus* evidenciaram a preferência dos bebés por uma mãe promotora de contacto confortável – manequim revestido de tecido – a uma mãe aparentemente desagradável mas nutritora – manequim de arame com biberão de leite. A evidência de que uma relação de apego preferencial a uma mãe nutritora de segurança, em detrimento de uma mãe amamentadora, levou Bowlby (1969, 1982) a considerar o impacto da resposta de contacto conforto no desenvolvimento da relação de vinculação entre a mãe e o bebé.

De acordo com Ainsworth (1989) existem quatro características que permitem distinguir as relações de vinculação de outro tipo de relações, designadamente, a procura de proximidade, a noção de base de segurança, a noção de comportamento de refúgio e as reacções perante a separação. Estas características foram definidas pela autora no final da década de 1970 através de um procedimento denominado *situação estranha*. Este procedimento consistiu numa sequência estruturada de separações e reencontros entre a criança e a figura de vinculação, visando a activação do sistema de vinculação e de exploração (Ainsworth *et al.*, 1978). Tendo como base as diferentes reacções comportamentais das crianças face às figuras significativas e ao meio circundante, os autores identificaram três padrões distintos de interacção, nomeadamente, *seguro*, *inseguro resistente* e *inseguro evitante*. Estes padrões revelaram estruturas internas na organização da vinculação, que se desenvolveram a partir da acessibilidade e responsividade nas respostas das figuras de vinculação às solicitações de apoio, conforto e protecção da criança em contexto natural (Ainsworth *et al.*, 1978), tendo permitido o acesso à habilidade das crianças para utilizar o seu cuidador primário como base segura (Waters & Waters, 2006).

Deste modo, o padrão de vinculação segura é caracterizado pela criança que procura e recebe protecção, conforto e segurança quando se encontra angustiada (Ainsworth *et al.*, 1978), sendo que a exploração é efectuada de forma confiante por parte da mesma devido ao suporte e disponibilidade do seu cuidador. Em contrapartida, o padrão de vinculação inseguro

tanto resistente como evitante, desenvolve-se quando o comportamento de vinculação é reconhecido como rejeitado, inconsistente ou quando o tratamento do cuidador deixa a criança ansiosa. De forma a reduzir esta ansiedade o comportamento da criança adequa-se ao comportamento da figura de vinculação, sendo um comportamento estratégico e adaptativo no contexto de tal relação (Main, 1981, 1990). À taxonomia original foi agregado um outro tipo de padrão de vinculação, nomeadamente, inseguro desorganizado/desorientado, isto é, crianças que reagem de forma contraditória, com movimentos assimétricos, estereotípias, expressões de apreensão e desorganização na proximidade da mãe (Main & Solomon, 1990; cit. por Salomon & George, 1999).

O objectivo do sistema de vinculação da criança consiste na promoção da segurança durante a sua infância através das relações que esta cria com a figura de vinculação (Bowlby, 1969, 1982). Deste modo, o comportamento de vinculação é activado em momentos de perigo, de angústia e de novidade, visando adquirir e manter proximidade e contacto com o cuidador primário (Bowlby, 1969, 1982; Cassidy, 1999). Não obstante, o sistema de vinculação encontra-se permanentemente activo, monitorizando continuamente o ambiente e a disponibilidade das figuras de vinculação (Ainsworth *et al.*, 1978; Bretherton, 1985). A criança pode explorar confiante o meio com o suporte activo do cuidador, segura da presença da figura de vinculação em caso de necessidade (Bowlby, 1969, 1982). Ainsworth *et al.* (1978) nomeou esta interacção entre a criança e a figura de vinculação de *script de base segura*, considerando-o central para a teoria da vinculação. Segundo Bowlby (1982), a *base segura* consiste na expectativa que a criança possui de que a figura de vinculação estará sempre presente e que será sábia e poderosa o suficiente para a ajudar a restaurar o equilíbrio que lhe permite prosseguir as suas actividades. Para o autor a característica saliente do sistema de vinculação centra-se na função da regulação da segurança, sendo que a criança procura suporte emocional do cuidador quando se sente angustiada e não se sente capacitada para regular autonomamente a sua emoção.

Conforme mencionado anteriormente Ainsworth (1991) destacou a função do comportamento de vinculação nas relações da criança, enfatizando o *script de base segura* como um elemento essencial. A autora declarou que uma relação com *vinculação segura* entre a criança e o cuidador facilita o funcionamento e a competência fora da mesma. Para que isso aconteça é necessário que exista uma experiência de segurança e conforto, fornecida pelo cuidador. Logo, pode afirmar-se que quando a segurança e conforto estão disponíveis, a

criança está capacitada para sair da relação de base segura e empenhar-se noutras actividades. A importância do comportamento de base segura reside em três pontos fulcrais, nomeadamente, (1) a figura de vinculação estar apta a providenciar e proporcionar protecção à criança na eminência de uma situação perigosa, (2) permitir e encorajar a criança a empreender, monitorizar e corrigir diversas experiências de aprendizagem, e (3) providenciar um contexto privilegiado para a ocorrência da diferenciação *eu-outro* (Seifer & Schiller, 1995; cit. por Silva, 2002).

De acordo com Bowlby (1973), os indivíduos desenvolvem representações de vinculação segundo o funcionamento e a importância das relações próximas. Estas representações são denominadas de modelos internos dinâmicos e consistem nas expectativas e crenças que o indivíduo possui em relação ao modo como as relações de vinculação operam e aos benefícios que destas retira. A teoria da vinculação defende que, baseando-se nas experiências eficazes ou ineficientes de regulação da emoção pelos cuidadores, a criança desenvolve modelos internos dinâmicos de si e dos mesmos (Bowlby, 1973). Assim, a qualidade da relação do cuidador com a criança e a natureza dos modelos internos dinâmicos são determinados pela avaliação emocional do prestador de cuidados e a sua capacidade de resposta às necessidades da criança (Collins & Read, 1994). Deste modo, se ela recebe sensibilidade e disponibilidade por parte das figuras de vinculação primárias forma um modelo interno dinâmico de como o cuidador é confiável e fiel quando necessário, desenvolvendo um modelo do *self* em como é alguém que merece tal cuidado (Bowlby, 1973, 1982). Deve ainda realçar-se que os modelos internos dinâmicos são relativamente estáveis e podem operar automaticamente sem que seja necessária uma avaliação consciente. Estes modelos guiam o comportamento na relação com os cuidadores e influenciam as expectativas, as estratégias, a regulação das emoções e o comportamento em relações posteriores (Bretherton, 1985; Zimmermann, 1999), permitindo antecipar o futuro e elaborar planos, facilitando a realização de uma reflexão sobre as vinculações passadas e futuras e a resolução de conflitos relacionais (Bretherton & Munholland, 2008; Ainsworth *et al.*, 1978).

É pertinente mencionar que Bowlby (1973), ao ter incorporado as representações mentais na teoria da vinculação, permitiu criar uma perspectiva contínua durante a vida no sistema de vinculação, fornecendo um conhecimento acerca das mudanças no desenvolvimento, no que concerne à expressão da vinculação e a sua influência nas relações. Assim sendo, a vinculação é entendida como um processo contínuo que não termina após a

infância, mas que se estende por toda a vida humana (Bowlby, 1973; Ainsworth, 1989, 1991; Weiss, 1991). A teoria da vinculação assume que o laço emocional da criança com a sua figura de vinculação primária e a estabilidade das representações são um factor preditivo de outras relações próximas durante a sua vida (Bowlby, 1973; Collins & Read, 1994; Ammaniti *et al.*, 2000). Muito embora inicialmente a criança tenha a tendência para preferir uma figura de vinculação para conforto e segurança – mãe –, comportamento denominado de monotropia (*primary caregiver*) (Ainsworth, 1967; cit. por Cassidy, 2008), numa fase posterior desenvolve uma pequena hierarquia de cuidadores principais (*small hierarchy of major caregivers*) (Bretherton, 1985).

Importa referir as teorias do processamento de informação para explicar a crescente estabilidade dos modelos internos dinâmicos (Bowlby, 1985), uma vez que os antigos padrões de acção e pensamento guiam a atenção selectiva e o processamento de informação nas novas situações. Inevitavelmente ocorrerão distorções da nova informação, existindo situações em que os modelos internos dinâmicos são um obstáculo à compreensão da nova informação. Este processo tem o nome de exclusão defensiva e é passível de possuir duas origens, designadamente, os interditos transmitidos pelos pais e a exclusão de informações demasiadamente dolorosas (Bowlby, 1985). Deste modo, o modelo interno dinâmico não é receptivo à integração de informações que são dolorosas ou ameaçam a relação de vinculação, tornando-se resistente à mudança. O modelo criado fecha-se sobre si mesmo, fazendo com que os sujeitos permaneçam influenciados pelos modos de interacção adquiridos na infância. Assim, nas novas relações em vez de se adaptarem às pessoas, funcionam como com as suas figuras de vinculação, repetindo os mesmos tipos de trocas que conheceram na infância (Miljkovitch, 2004; Bretherton e Munholland, 2008).

### **Modelos Internos Dinâmicos na Adolescência**

Segundo a perspectiva de ciclo de vida do sistema de vinculação, a adolescência surge como um período de transição. No início deste período o adolescente começa a efectuar esforços para depender menos dos cuidados das figuras de vinculação primárias (Allen & Land, 1999). Durante esta transição é esperado que o adolescente se confronte com uma série de tarefas psicológicas, sendo um período de transformações profundas ao nível emocional, cognitivo e comportamental, em que este evolui de receptor de cuidados pelos pais para um

potencial cuidador (Allen & Land, 1999). Assim, o adolescente depara-se perante um desafio, por um lado deseja separar-se psicologicamente dos pais, mas por outro não dispõe ainda de um outro sujeito psicológico que lhe forneça uma base segura para explorar o mundo com confiança. Neste período, o comportamento do adolescente em relação às suas figuras de vinculação primárias pode parecer conflituoso, confuso e contraditório caso não seja inserido no contexto das mudanças comportamentais que, por norma, ocorrem na adolescência.

No que respeita ao processo de autonomização, o sistema de vinculação desempenha um papel fundamental, uma vez que, se o adolescente se encontra empenhado numa fuga activa das relações com os pais e entravado pelos seus laços de vinculação, a sua autonomização faz-se todavia de forma tanto mais fácil quanto mais seguras forem as suas relações com os seus pais (Matos & Costa, 1996). Assim, a adolescência irá desenrolar-se de forma distinta, em função do tipo de vinculação do adolescente – segura ou insegura –, mais precisamente, de acordo com o tipo de modelos internos dinâmicos construídos durante a infância. A necessidade de autonomia vai gerar um forte incitamento à utilização dos pares como figuras de vinculação, de forma a satisfazer as necessidades de vinculação e simultaneamente estabelecer uma relação de autonomia com os pais. Na literatura existem diversos autores como Hazan e Shaver (1994) e Weiss (1991) que afirmam que as necessidades de vinculação não desaparecem de imediato sendo, ao invés, progressivamente transferidas para os pares. Esta transferência implica igualmente uma transformação no que respeita à direcção das relações de vinculação, ou seja, transita-se de relações assimétricas – em que a criança recebe atenções de uma figura parental protectora – para relações de reciprocidade – nas quais cada um oferece e recebe apoio e atenção (Allen e Land, 1999; Crowell *et al.*, 1999). Facilmente se depreende que na infância as figuras de vinculação mais significativas tendem a ser os pais, enquanto que na adolescência são geralmente os pares que preenchem as necessidades de vinculação do sujeito.

O processo de transição entre a vinculação aos pais e a vinculação aos pares ocorre de forma adaptativa através da transformação progressiva da relação pais-filhos, em que ambas as partes estão implicadas e contribuem para a redefinição dos papéis familiares (Matos & Costa, 1996). Por um lado, os pais deverão aceitar o processo de crescimento físico e psicológico dos filhos, lidando com a perda de que daí advém e criando condições que permitam a construção de uma identidade diferenciada e não confundida com os pares. Por outro lado, os filhos deverão aceitar a transformação das imagens percebidas dos pais, lidando

com a perda que daí advém e continuando a recorrer aos pais como fonte de segurança, embora continuem a afirmar as suas necessidades de diferenciação num contexto familiar.

Importa referir que no decorrer deste processo, os jovens poderão sentir solidão (Weiss, 1991), uma vez que *o movimento em direcção à autonomia e à independência psicológica pode dificultar a procura de proximidade, conforto e apoio dos pais* (Matos & Costa, 1996, p. 48). Do ponto de vista do jovem, esta procura de proximidade física e emocional pode ser interpretada erroneamente, tanto por si como pelos pais, como sendo o retorno a estados anteriores de relacionamento não pretendidos (Matos & Costa, 1996).

Embora a vinculação aos pais se mantenha ao longo do tempo – não obstante as diversas transformações inerentes – existem outras figuras de vinculação significativas que se podem tornar importantes fontes de segurança pessoal durante o desenvolvimento do indivíduo, fornecendo uma configuração de vinculação que não se reduz aos laços afectivos com cada um dos pais (Matos & Costa, 1996). De acordo com Bowlby (1973), o ajustamento a qualquer período do desenvolvimento resulta da interacção entre as experiências pessoais passadas com as relações actuais experienciadas no meio social, sendo na adolescência que estão reunidas as condições desenvolvimentais para a transformação de padrões de vinculação inseguros em padrões de vinculação seguros (Soares, 1996; cit. por Tribuna & Relvas, 2007). Deste modo, a relação precoce cuidador-criança e as experiências de amizade podem interagir entre si para influenciar o funcionamento psicossocial.

Existem, portanto, diversos motivos que conduzem à ideia de que existe uma forte ligação entre o tipo de vinculação e a qualidade nas relações próximas. Consequentemente, uma vinculação segura, caracterizada no adolescente pela coerência na linguagem sobre os relatos das experiências de vinculação e afecto, permite experiências similares nas relações próximas, possibilitando o seu processamento de forma cuidadosa e coerente (Allen & Land, 1999). Em contraste, a exclusão defensiva da informação sobre a vinculação, que caracteriza as vinculações inseguras, pode resultar em comunicações distorcidas e expectativas negativas em relação ao outro (Allen & Land, 1999). Similarmente, o desconforto do afecto na relação pode levar os adolescentes com vinculação insegura a utilizar a estratégia de afastamento de potenciais relações próximas (Kobak & Sceery, 1988).

A vinculação segura, tanto no fim da infância como no início da adolescência, encontra-se associada positivamente ao número de relações recíprocas que as crianças detêm (Kerns *et al.*, 1996), sendo que as amizades recíprocas tendem a ser preponderantes nas

crianças com vinculação mais segura com a figura paterna (Torres *et al.*, 2008). O estudo de Kerns *et al.* (1996) demonstrou que a vinculação segura encontra-se igualmente relacionada com a qualidade das amizades que são caracterizadas por confiança, proximidade e reciprocidade.

Assim, os adolescentes que reportam um bom suporte parental consideraram-se mais dignos e socialmente competentes (Rubin *et al.*, 2004). Contrariamente, a vinculação insegura surge associada a uma interpretação mais rígida e negativa da hipotética rejeição social durante adolescência (Zimmermann, 1999), sendo que os adolescentes com representações de vinculação insegura denotam maior hostilidade e maior ansiedade comparativamente aos adolescentes com representações de vinculação segura (Kobak & Sceery, 1988).

Os adolescentes com representações de vinculação segura reportam relações emocionais próximas e revelam um conceito de amizade elaborado quando comparados com os adolescentes com representações de vinculação insegura (Zimmermann, 2004). Relativamente aos adolescentes com representações de vinculação insegura resistente, estes oscilam entre avaliações positivas e negativas que comportam raiva para as relações (Zimmermann, 2004). Muito embora estes jovens não desvalorizam a vinculação, como é comum nos indivíduos com representações de vinculação insegura evitante, têm dificuldade em lidar com a sua raiva que é facilmente activada nas relações próximas (Zimmermann, 2004).

Os adolescentes com representações de vinculação insegura, especialmente a evitante, têm tendência para se idealizar a si próprios e as suas relações (Kobak e Sceery, 1988). Estes adolescentes reportaram, em relação aos seus melhores amigos, níveis baixos de companheirismo e altos níveis de conflito, bem como, níveis baixos no que respeita à segurança, contrastando com os adolescentes com vinculação segura (Saferstein *et al.*, 2005). Deste modo, torna-se evidente que a vinculação se encontra deveras relacionada com a competência social durante a adolescência (Allen & Land, 1999). Se a qualidade das relações emocionalmente significativas que decorrem durante a infância influenciam a forma como o sujeito se relaciona com os outros na sua vida adulta, então os contextos de vinculação no jovem e no adulto criam oportunidades muito importantes para reorganizações pessoais. Desta forma torna-se possível a ocorrência de alterações no que concerne a asserções – elaboradas em experiências anteriores – acerca de si próprio e dos outros (Matos & Costa, 1996).

## **Investigação dos Modelos Internos Dinâmicos na Adolescência**

É Mary Main quem vem permitir prorrogar empiricamente a teoria da vinculação à idade adulta com o desenvolvimento de uma nova metodologia de investigação, *Adult Attachment Interview* (AAI), que através da análise do discurso possibilita analisar o nível das representações, classificando-as segundo três tipos, designadamente, “Tipo Autónomo” (estilo Seguro), “Tipo Desligado” (estilo Evitante) ou “Tipo Preocupado” (estilo Resistente/Ambivalente) (Crowell *et al.*, 1999). Assim, a autora avalia os modelos internos dinâmicos dos adultos, superando a avaliação comportamental intrínseca à metodologia de Ainsworth. Posteriormente, foram criadas novas formas de medida dos modelos internos dinâmicos, designadamente, as *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos* (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001), baseada numa avaliação contínua dos modelos internos dinâmicos.

Com base nos estudos de Ainsworth e Mary Main, a grande maioria dos trabalhos sequentes sobre a teoria da vinculação avaliam-na segundo categorias qualitativas, nomeadamente, desorganizado, inseguro evitante, inseguro ambivalente/resistente e seguro. Não obstante, devido às várias limitações desta categorização alguns investigadores optaram por utilizar e avaliar escalas de avaliação contínuas nas suas investigações (Fraley, & Spieker, 2003; Waters & Beauchaine, 2003). Tornou-se deste modo possível analisar e avaliar a vinculação num espectro contínuo com a extensão que varia entre Desorganizado e Muito Seguro.

Na presente investigação optou-se por se atender às características positivas de uma conceptualização contínua da variável de vinculação, utilizando-se os critérios de cotação para as *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos* segundo as propostas de Waters e Rodrigues-Doolabh (2001), que cotam as narrativas segundo a segurança da vinculação, numa escala de 7 pontos.

## Capítulo II

### Teorias Psicanalíticas de Relação de Objecto e as Relações de Objecto Internalizadas

O interesse nas relações de objecto surgiu a partir das terapias em que os pacientes evidenciavam patologias com expressão interpessoal (Westen, 1991). A partir daí surgiram as várias teorias psicanalíticas. As teorias de relação de objecto inspiram-se no modelo psicanalítico pela importância que colocam nas motivações inconscientes, na existência de defesas contra a consciência de motivações inconscientes e por se focarem na descoberta de significados subjacentes. O ser humano cria relações de objecto que influenciam a formação da sua personalidade ao longo do desenvolvimento (Summers, 2002). Assim as relações de objecto são conceptualizadas como estruturas motivacionais que guiam a percepção, e afectam a organização das experiências passadas e prospecções futuras (Priel & Besser, 2001), sendo relações interpessoais entre o participante e um objecto, que criam uma ligação afectiva entre ambos, permitindo a internalização de um esquema relacional. Assim surge o conceito de internalização de objecto que se refere à ideia de que o que é internalizado a partir das diversas interacções entre a criança e as suas figuras parentais significativas, é a relação entre o *self* e o outro, originando uma estrutura interna sobre o *self*, o outro e as possíveis interacções e afectos entre ambos. Deste modo, esta estrutura interna replica, no mundo intrapsíquico, as relações tanto reais como fantasiadas com os outros significativos.

Westen (1991) indica que existe uma panóplia de teorias de relação de objecto, sendo cada uma delas desenvolvida no princípio de que as relações de objecto são as bases primárias de construção da psique.

Embora existam inúmeras diferenças entre as várias teorias de relação de objecto, é possível agrupá-las, sendo comum fazê-lo da seguinte forma, (1) escola inglesa de relações de objecto, com autores como Melanie Klein, Ronald Fairbairn, Donald Winnicott, Bion, Balint, e Guntrip, e (2) escola americana da psicanálise interpessoal, com origem em Sullivan.

Seguidamente, elabora-se uma breve descrição de algumas das teorias dos autores referidos.

### **Teoria de Relação de Objecto de Melanie Klein**

A teoria de relações de objecto foi pela primeira vez mencionada por Melanie Klein (1905-1982), incorporando a teoria dual pulsional de Freud e enfatizando a importância da agressão inata como um reflexo do instinto de morte (Westen, 1991). Para esta autora as pulsões são inerentemente direccionadas para os objectos, ou seja, uma criança não consegue experienciar a libido sem um objecto libidinal. Klein descreveu duas fases de desenvolvimento que nomeou de posições. Estas posições que se denominam *esquizo-paranóide* e *depressiva*, caracterizam-se por constelações de fantasia, emoções, defesas e relações de objecto constituindo polaridades decorrentes da experiência humana. Ambas podem originar desenvolvimentos patológicos da psique humana (Greenberg & Mitchell, 2003). Embora os *kleinianos* considerem que as pulsões são importantes na formação de relações de objecto, defendem que as últimas são a base de todo o desenvolvimento.

### **Teoria de Relação de Objecto de Fairbairn**

Fairbairn (1889-1964) foi o primeiro psicanalista a questionar a motivação humana baseada nas pulsões (Summers, 2002), fornecendo juntamente com a psicanálise interpessoal de Sullivan, a alteração do modelo estrutural-pulsional para o modelo estrutural-relacional. Fairbairn desenvolve uma nova teoria de motivação humana, preconizando que o bebé procura o objecto e interacções com este, e não a obtenção de prazer como Freud defendia, afirmando ainda que o ego se desenvolve através de relações de objecto satisfatórias. Desta forma, a maior motivação do ser humano seria a necessidade de relacionamento, de amar e ser amado. Estas relações são denominadas de relações de objecto e são, de acordo com Fairbairn, internalizadas sob a forma de objectos, criando imagens dos cuidadores e das possíveis relações com estes na psique que se vão tornar orientadoras para todas as relações futuras (Westen, 1991; Greenberg & Mitchell, 2003).

### **Teoria de Relação de Objecto de Sullivan**

Harry Sullivan (1892–1949) originou a escola americana de psicanálise interpessoal. Segundo este autor a vida psíquica tem início com a internalização de relações com outros

significativos, tendo todos os fenómenos psicológicos origem no mundo interpessoal. Deste modo, as necessidades humanas fundamentais corresponderiam a “necessidades de satisfação”, conceito que se refere a “necessidades de segurança”, ou seja, necessidade de experiências gratificantes com os outros que possibilitem o consolidar do sentido de um *self* seguro. Assim, a sua teoria interpessoal evidencia a importância das interações sociais precoces no desenvolvimento da compreensão e construção do *self*, (Westen, 1991; Greenberg & Mitchell, 2003).

### **Teoria de Relação de Objecto de Margaret Mahler**

A teoria e investigação de Margaret Mahler (1897–1985) e seus seguidores foi devesas importante para o desenvolvimento das teorias de relação de objecto (Westen, 1991). Segundo a autora, os objectos são algo que tenha estado em contacto com a criança não se encontrando relacionados com as pulsões. Mahler refere-se a uma *mãe geralmente devotada* e a um *meio em média expectável*, essenciais ao desenvolvimento normal, conceptualizando três fases do desenvolvimento psicológico humano [fase autística normal, fase simbiótica normal e fase de *separação-individuação*, esta última culminando na (sub)fase de constância do objecto libidinal] num processo de *separação-individuação*, em que a criança desenvolve um sentido de *self* e de autonomia, mantendo simultaneamente um sentido de ligação ao cuidador primário (Greenberg & Mitchell, 2003).

### **Pontos de Convergência entre as Teorias de Relação de Objecto**

A ideia central das teorias de relação de objecto baseia-se na assunção de que as pessoas se desenvolvem através da interacção com pessoas reais no seu ambiente, desenvolvendo, simultaneamente, mundos internos que contêm representações dessas experiências. Estas representações influenciam o desenvolvimento do bebé, fornecendo as bases para em adultos anteciparem e perceberem os eventos interpessoais do seu mundo. Todas as teorias procuram desenvolver estratégias interpretativas das relações de objecto através da transferência e da contra-transferência. A natureza destas relações afecta profundamente a estrutura do *id*, *ego* e *superego* sendo as experiências recreadas na transferência onde podem ser analisadas e modificadas. Desta forma, todas as teorias se

concentram nas vicissitudes de estádios desenvolvimentais precoces na formação do aparelho psíquico (Greenberg & Mitchell, 2003).

Deste modo, o princípio central das teorias de relação de objecto assume que o ser humano é inicialmente conduzido pelas suas necessidades precoces de ligação/vinculação. Os teóricos das relações de objecto abandonaram desta forma o modelo *estrutural-pulsional*, enfatizando a importância das relações, em especial das relações precoces, no desenvolvimento da psique.

Assim, Bienenfeld (2005) esquematiza os princípios comuns às teorias de relação de objecto do seguinte modo: (1) as interacções precoces entre criança e o cuidador são a sustentação de atitudes em relação a si e aos outros, em que a criança desenvolve padrões típicos de interacção e um repertório de defesas, (2) os problemas nas relações de objecto precoces repercutem em relações de adulto problemáticas e uma vasta variedade de características de personalidade desadaptativas, (3) os pacientes clínicos trazem os seus padrões característicos de interacção para a terapia, reproduzindo-os na transferência, e (4) a mudança terapêutica nos indivíduos com relações de objecto perturbadas resulta de experiências reparadoras na psicoterapia assim como de interpretações clarificadoras.

### **Investigação Empírica das Relações de Objecto Internalizadas**

De acordo com Westen (1991) tem existido um aumento substancial no que concerne à pesquisa empírica sobre a natureza e a avaliação da patologia das relações de objecto. Fishler *et al.* (1990) afirmam que as técnicas projectivas são a forma metodológica mais utilizada para investigar as representações de objectos internos (e.g. Kopfer & Holt, 1954; Pruitt & Spilka, 1964; Mayman, 1967, 1968, 1977; Blatt, Brenneis & Schimek, 1976; Blatt & Lerner, 1983; Urist, 1977, 1980; cits. por Fishler *et al.*, 1990; Westen, 1991).

Com o intuito de identificar representações de paradigmas prototípicos de relações de objecto internas, procurou-se igualmente desenvolver e validar esquemas de cotação para dados projectivos diferentes para além do Rorschach, tais como sonhos (Krohn & Mayman, 1974; cit. por Fishler *et al.*, 1990), memórias precoces (Mayman, 1968; Ryan & Bell, 1984; cits. por Fishler *et al.*, 1990), material autobiográfico, com descrições do próprio e do outro (Diamond *et al.*, *in press*; cit. por Fishler *et al.*, 1990) e vinhetas interpessoais (Burke *et al.*, 1986; cit. por Fishler *et al.*, 1990). Desta forma, estes esquemas enfatizam as componentes

temáticas das interacções e identificam elementos do passado e presente representacional de um indivíduo que podem ser observados como um elemento da forma de relação interpessoal do indivíduo adulto (Fishler *et al.*, 1990; Westen, 1991). Não obstante, em 1985 surge a primeira metodologia objectiva estruturada e não projectiva, o *Bell Object Relations Inventory* (BORI: Bell *et al.*, 1986; cit. por Fishler *et al.*, 1990), um instrumento de auto-preenchimento (frases de verdadeiro/falso).

Finalmente, em 1995, Westen cria a escala *Social Cognition and Object Relations Scale* (SCORS; Westen *et al.*, 1990), que vem procurar conjugar duas grandes áreas de investigação, a psicologia da cognição social e a psicologia psicanalítica numa única escala, com o intuito de aceder ao mundo interno das relações de objecto. Assim, esta escala de medida objectiva procura aceder às representações cognitivas que os sujeitos fazem sobre si, os outros e as suas relações interpessoais (dimensão cognitiva) e, simultaneamente, ao colorido afectivo subjacente a essas representações cognitivas (dimensão afectiva). Esta escala caracteriza as representações do funcionamento interpessoal dos sujeitos e constitui-se como uma escala de medida das relações de objecto, tendo como base narrativas fornecidas pelos sujeitos, preferencialmente contendo episódios de relacionamento interpessoal. Esta é a medida utilizada na presente investigação. Importa salientar que uma vantagem deste instrumento pende-se com a discriminação dos níveis patológicos, por conseguinte, possui variabilidade suficiente que lhe permite ser aplicada em populações com características desviantes (Calabrese, 2005), como no caso da amostra do presente estudo.

Importa mencionar que os estudos demonstram que baixos resultados nos modelos internos dinâmicos de vinculação estão relacionados com baixos níveis nas dimensões da escala SCORS (Priel & Besser, 2001; Calabrese, 2005). No que concerne ao funcionamento *borderline*, comum na população em estudo (Matos, 1986; Matos, 1996), os estudos evidenciam baixos níveis relativamente às dimensões da SCORS, como na diferenciação *eu-outro*, nas expectativas negativas no que respeita às relações, na dificuldade no investimento emocional e nos padrões morais (Westen *et al.*, 1990; Calabrese, 2005).

## Capítulo III

### Amizades

Inicialmente, a amizade apresenta-se como um acto despretensioso, num dado momento um indivíduo nutre uma empatia em relação a outro (Alberoni, 1988). A amizade define-se como sendo uma sequência de encontros contínuos, que podem, ou não, ter sucesso (Alberoni, 1988). A amizade possui como base a reciprocidade, o investimento e o compromisso entre indivíduos que se reconhecem como idênticos numa relação simétrica. Numa relação de amizade é importante ser-se leal, respeitador e sensível às necessidades do outro e da relação, tendo como componentes a fraqueza, a espontaneidade, a exclusividade, a reciprocidade, os interesses e as actividades comuns (Costa, 1998). É de salientar que tanto a definição como o sentido do que é um amigo para as crianças vão sendo alterados ao longo do desenvolvimento, dependendo de um conjunto de competências emocionais, cognitivas e comportamentais.

Evidenciando o conceito de relações, importa referir que estas possuem diferentes graus de proximidade e são determinadas por qualidades como a frequência, a intensidade da influência e a quantidade de tempo que a relação durou (Rubin *et al.*, 2004). A relação pode ser definida segundo a emoção dominante que os participantes normalmente experienciam, como por exemplo, afecto, amor ou inimizade. Uma verdadeira relação de amizade surge da sucessão de confiança e das interacções partilhadas, sendo composta por funções, significados, expectativas, e emoções (Hinde, 1995; cit. por Bukowski *et al.* 2009).

De acordo com Rubin *et al.* (2004), a amizade é uma relação recíproca que deve ser reconhecida pelas duas partes, sendo a reciprocidade o factor que distingue a amizade de outras relações não recíprocas. Deste modo, o estabelecimento de amizades encontra-se dependente de competências para a troca de acções prosociais recíprocas entre indivíduos, tais como partilhar, ajudar, confortar (Parker & Asher, 1987; Youniss, 1986), bem como o controlo e a expressão da agressividade nas discussões e da mutualidade de afecto positivo (Howes, 1983).

É frequente uma criança procurar a companhia de outra por razões meramente instrumentais. Analogamente, os interesses comuns unem crianças que de outro modo não interagiriam, como por exemplo, equipas de desporto, grupos musicais, gangs delinquentes,

que incluem membros cujas relações de amizade não se encontram forçosamente estabelecidas (Rubin *et al.*, 2004). Pode constatar-se que as amizades são voluntárias e não obrigatórias ou prescritas, devendo ser compreendidas de acordo com o espaço que ocupam na rede de outras relações. Segundo Bowlby (1982), encontrar-se associado a pares aumenta a segurança, visto que reduz a ansiedade e promove a internalização de esquemas de relação positivos. Em consonância, Berndt (2004) defende que as amizades com elevada qualidade têm mais probabilidade de persistir no tempo. A investigação mostra que desde muito cedo é possível observar diferenças individuais no tipo de interação da criança com as outras crianças. É possível constatar que por um lado, algumas crianças desfrutam de várias amizades e são bem aceites socialmente, e por outro, algumas crianças são de certa forma rejeitadas e não possuem amigos (Hay *et al.*, 2004; cit. por Torres *et al.*, 2008; Parker & Asher, 1987).

Os pais têm inerente uma função de socialização muito importante na vida das crianças e dos adolescentes (Bugental & Goodnow, 1998; cit. por Lansford *et al.*, 2003), sendo as amizades das crianças influenciadas pelas relações que estas detêm com os pais e vice-versa (Rubin *et al.*, 2004). Posto isto, durante os primeiros anos de vida a relação primária com os pais fornece à criança os princípios da capacidade ou incapacidade de desenvolver relações sociais em geral e relações íntimas em particular (Schneider *et al.*, 2001). Não obstante, durante a adolescência os pares de amizade são o maior agente de socialização pelo que se torna excepcionalmente importante perceber como funciona o grupo em que o jovem se encontra inserido. Importa referir igualmente que as relações próximas que ocorrem na adolescência possuem menos orientação e controlo de um adulto do que as relações estabelecidas na infância.

### **Amizades e Adolescência**

De acordo com Blos (1967), o processo de *individuação* representa indubitavelmente o acontecimento mais preponderante da adolescência. Neste processo os adolescentes reestruturam as suas relações de infância com os seus pais e esforçam-se para alcançar relações qualitativamente diferentes com os pares. Assim, o desenvolvimento do adolescente pode ser entendido como um processo que ocorre através do desenvolvimento de relações (Furth, 1983; cit. por Youniss & Smollar, 1985). Este processo compreende uma renegociação

da relação de dependência com os pais. Durante o processo de separação com os pais e visando o alcance de um estado de autonomia pessoal, os adolescentes direccionam-se para os pares à procura de *estimulação, sentimentos de pertença, lealdade, devoção, empatia e ressonância* (Blos, 1967, p. 177). Deste modo, é importante que na adolescência exista um equilíbrio entre vinculação e sistema de exploração, em que a activação e o desenvolvimento deste último constituem aspectos fulcrais. As novas capacidades cognitivas permitem ao adolescente auferir de uma maior consciência da disponibilidade dos pais em caso de necessidade, sendo que os últimos devem encorajar a exploração e adaptação, facilitando ao adolescente a aprendizagem dos limites (Booth-La-Force & Kerns, 2009). Assim, a presença de comportamentos de procura da autonomia nos adolescentes encontra-se fortemente correlacionada com os indicadores de uma relação positiva com os pais (Allen *et al.*, 1998).

Para satisfazer as necessidades de vinculação, face à pressão causada pelo crescimento da autonomia em relação aos pais, o indivíduo adopta os pares como figuras de vinculação desencadeando uma transferência das relações. Esta transferência implica igualmente uma transformação no que respeita à direcção das relações de vinculação, isto é, as relações assimétricas – a criança recebe atenções de uma figura parental protectora – alteram-se para relações de reciprocidade, na qual cada um oferece e recebe apoio e atenção (Allen e Land, 1999; Steinberg, 1999).

Para os adolescentes a rede de amizade é entendida como um contexto social que gere capital social e que preenche as necessidades de aceitação, identidade pessoal e senso de espaço que ocupa na hierarquia dos seus pares (Haynie, 2002). Evidenciando o conceito de grupo, importa referir que este pode ser definido como um conjunto de interacções entre indivíduos que detêm algum grau de influência recíproca (Rubin *et al.*, 2004). Uma interacção refere-se a uma troca social com determinada duração entre dois indivíduos, sendo criadas relações a partir de uma sucessão de interacções (Rubin *et al.*, 2004). Interessa também referir que todos os grupos possuem as suas próprias normas, padrões de comportamento e atitudes, que caracterizam os membros do mesmo e os distinguem dos demais (Rubin *et al.*, 2004).

De facto a rede de amizade em que os adolescentes se encontram envolvidos é particularmente importante para fomentar ou impedir o envolvimento criminal (Haynie, 2002). Dishion *et al.* (1999) apelidaram o termo *formação desviante* para se referirem aos processos de glorificação, encorajamento, imitação e expectativa segundo os quais as crianças aumentam o nível de agressões ou de comportamento anti-social nos seus pares. Na literatura

existem estudos que corroboram a hipótese de que a maioria das crianças agressivas possuem amizades recíprocas tal como as crianças bem ajustadas (Vitaro *et al.*, 2000; cit. por Rubin *et al.*, 2004). No entanto, alguns autores defendem que a agressividade surge relacionada negativamente com a estabilidade das relações (Hektner *et al.*, 2000; cit. por Rubin *et al.*, 2004). Ademais, as crianças agressivas possuem amigos igualmente agressivos, tornando a sua amizade mais conflituosa e anti-social no que respeita à qualidade (Dishion *et al.*, 1997; cit. por Rubin *et al.*, 2004), assim sendo, os comportamentos agressivos podem afectar negativamente a qualidade da amizade (Rubin *et al.*, 2004). É importante mencionar que embora os amigos entrem em conflito com a mesma frequência que os não-amigos, os primeiros actuam de forma mais proactiva na sua resolução, demonstrando possuir competências interpessoais específicas (Torres *et al.*, 2008; Booth-La-Force & Kerns 2009).

### **Qualidade das Amizades**

Ao longo dos anos, vários estudos elaborados na área das relações de amizade demonstraram a sua importância durante a infância e a adolescência, evidenciando o modo como estas influenciam o crescimento social e emocional das crianças e dos jovens (Savin-Williams & Berndt, 1990; Hartup, 1993). As crianças ao tornarem-se menos dependentes dos seus pais e cognitivamente mais evoluídas, revelam uma necessidade em desenvolver relações de colaboração, direccionando-se para os seus amigos na procura de suporte emocional e uma experiência mais íntima nas suas amizades (Berndt, 2004). Por conseguinte, as relações próximas têm um papel extremamente importante durante a infância e adolescência (Larson & Richards, 1991).

Os estudos demonstram altos níveis de qualidade de amizades quando se encontram envolvidas maior intimidade, comportamento pró-social, confiança, lealdade, afectos, companheirismo, e suporte emocional e social (Berndt & Perry, 1986; Bukowski & Hoza, 1989; Furman & Buhrmester, 1985; cit. por Keefe & Berndt, 1996; Rubin *et al.*, 2004; Campos, 1989; Parker & Asher, 1993). Uma elevada qualidade nas relações no que concerne ao suporte, à intimidade, à frequência e à reciprocidade com os amigos encorajam a manutenção das ligações e contribuem para o ajustamento psicossocial (Fonzi & Tani, 2000; cit. por Rabaglietti & Ciairano, 2008), fornecendo o sentimento de pertença (Larson & Richards, 1991). A capacidade de partilhar sentimentos e pensamentos, bem como a

maior maturidade na compreensão da reciprocidade e da equidade na amizade são igualmente consideradas como influências importantes nas relações íntimas (Youniss, 1980). Segundo Way e Greene (2006), os factores que surgem significativamente associados às trajectórias de qualidade das amizades centram-se nas relações familiares, nas relações professor(a)-aluno(a) e nas relações aluno(a)-aluno(a) na escola.

No início da adolescência, a amizade possui inúmeras funções, incluindo a intimidade, a segurança e a confiança (Rubin *et al.*, 2004). É nesta fase que o investimento em suporte social e intimidade nas amizades se torna mais evidente, uma vez que os adolescentes elevam a sua capacidade para encontrar um suporte mútuo (Cauce *et al.*, 1996), iniciando a construção de relações recíprocas com os pares (Youniss & Smollar, 1985). Neste processo de construção o amigo representa o papel de suporte do *eu*, transmitindo-lhe segurança e aumentando a confiança em si próprio, o que favorece a coesão e a unidade de personalidade, que se procura através do outro (Sullivan, 1953). É importante salientar que existem diferentes tipos de amizades, comumente denominados de “amigos” e “melhores amigos” sendo distinguidos pela proximidade (Adler & Adler, 1998; Way, 1998; Rosenbloom, 2004 *cits.* por Way & Greene, 2006).

Em conformidade com Hartup (1993), as amizades na adolescência representam um dos principais contextos de desenvolvimento para os rapazes e raparigas. Nos últimos anos inúmeros estudos demonstraram que construir e manter relações de amizade satisfatórias e positivas constitui um indicador relevante de bem-estar mental e físico, sendo um factor protector para os riscos psico-sociais (Berndt, 2004; Lansford *et al.*, 2003). Por conseguinte, adolescentes com relações de amizade estáveis parecem ter um ajustamento psicológico mais positivo (Hartup, 1993). Contudo, a amizade não possui somente aspectos positivos, sendo facilmente identificados alguns elementos negativos como os conflitos, a rivalidade e a competição (Hartup, 1993) que afectam toda a qualidade da amizade (Keefe & Berndt, 1996; Alberoni, 1988). Deste modo, variações nos elementos positivos e negativos podem originar efeitos díspares no ajustamento psicológico (Keefe & Berndt, 1996).

Inúmeros estudos têm demonstrado uma associação significativa não só entre a segurança da vinculação parental e a aceitação da criança entre os pares, como com a qualidade das amizades recíprocas da criança (Schneider *et al.*, 2001), em que a qualidade dos laços emocionais estabelecidos com a família a auxilia na organização do seu relacionamento com os pares (Waters & Sroufe, 1983; Costa, 1998). De acordo com a teoria de vinculação

(Bowlby, 1973; Ainsworth, 1989) e de suporte social (Cauce *et al.*, 1996) as crianças que possuem pais que fornecem suporte emocional terão relações similares com os seus amigos. Assim sendo, a percepção de qualidade das relações com os pais encontra-se positivamente associada com a percepção de qualidade com os amigos e pares (Greenberg *et al.*, 1983; Procidano & Smith, 1997; Youngblade *et al.*, 1993; cits. por Way & Greene, 2006), e a qualidade das amizades prediz a segurança na vinculação na relação adolescente-mãe e adolescente-pai (Allen *et al.*, 2007). Complementarmente, o estudo de McElhaney *et al.* (2006) evidenciou que o tipo de vinculação dos adolescentes modera os laços entre a qualidade das suas amizades e a delinquência. Os resultados deste estudo sugerem que os adolescentes que estão disponíveis para pensar sobre as suas relações, conferindo-lhes maior importância, encontram-se mais protegidos em relação à delinquência. No que concerne ao funcionamento psicossocial da criança, estudos relacionaram problemas de exteriorização e de interiorização com vinculação insegura (Allen & Land 1999). Tanto a interiorização (e.g. depressão) como a exteriorização e os problemas comportamentais (e.g. agressão e delinquência) nos adolescentes têm sido relacionados a uma vinculação maternal insegura, importa ressaltar que estes últimos podem ser produzidos através da interacção dos relacionamentos entre pares (Allen & Land 1999).

Ademais, o estudo de Lansford *et al.* (2003) demonstrou que existe uma ligação entre uma actuação parental negativa e os comportamentos *externalizados* e que estes podem ser, por um lado, atenuados em adolescentes que possuam relações próximas com altos níveis de qualidade de amizade e fortes afiliações ao grupo e, por outro, ser exacerbados em adolescentes com pares anti-sociais. Ainda neste estudo, os autores verificaram que a qualidade das amizades e o grupo de pares de afiliação servem como protectores para os adolescentes expostos à decisão parental unilateral, e que o grupo próximo de afiliação serve como “amortecedor” para os adolescentes expostos a baixos níveis de supervisão. Posto isto, no contexto de decisão parental unilateral possuir um grupo de pares com quem possam conversar sobre os seus problemas pode ajudar os adolescentes a evitar o comportamento desviante, mesmo se este grupo for percebido como desviante (Lansford *et al.*, 2003). Desta forma, as amizades e o grupo de pares podem compensar o risco dos ambientes familiares problemáticos (Criss *et al.*, 2002).

Importa salientar que as influências dos pares e da família são particularmente preponderantes durante a adolescência por dois motivos, o primeiro, relacionado com o facto

de ao entrarem na adolescência as crianças passarem cada vez mais tempo com os pares (Larson & Richards, 1991), o segundo, devido à alteração da natureza das relações de pares durante a adolescência, existindo um aumento de partilhas íntimas entre amigos (Berndt, 1996; cit. por Lansford *et al.*, 2003). Deste modo, conforme explicitado anteriormente, as relações de amizade poderão proporcionar mais oportunidades para atenuar as experiências familiares negativas. Não obstante, o estudo de Zimmermann (2004) demonstrou que nem todos os adolescentes desenvolvem relações de amizade próximas e de suporte recíproco. Marcus (1996; cit. por Houtzager & Baerveldt, 1999) inclui os jovens com comportamentos delinquentes neste grupo, identificando as suas relações de amizade como “menos íntimas”. Ideia que é reforçada por Dishion *et al.* (1995) e McElhaney *et al.* (2006) ao classificarem-nas ainda como sendo de baixa qualidade e de curta duração. No entanto, este tema não parece ser consensual na literatura, existindo alguns autores que defendem o oposto, como por exemplo, Haynie (2002) que afirma que as amizades entre os jovens delinquentes não têm que diferir necessariamente das dos não-delinquentes. Opinião reforçada por Clarke-Mclean (1996) ao afirmar que a percepção do cuidar e da confiança na relação são também factores salientes para adolescentes com comportamentos delinquentes.

O mesmo estudo (Clarke-Mclean, 1996) revela que o ajustamento comportamental é um factor saliente na associação entre pares, logo, os jovens no mesmo grupo social tendem a ter níveis de ajustamento comportamental similares. A título de exemplo, as crianças anti-sociais tendem a associar-se com outras crianças anti-sociais e/ou rejeitadas (Dishion *et al.*, 1995). Embora não seja claro o motivo pelo qual esta situação ocorre, se por escolha, se por não possuírem alternativa (Gairns & Gairns, 1991; cit. por Dishion *et al.*, 1995), existe a ideia de que as crianças se sentem atraídas por crianças que são mais parecidas com elas, particularmente no que respeita ao comportamento agressivo (Gairns *et al.*, 1988; cit. por Dishion *et al.*, 1995), parecendo formar afiliações instáveis (Strayer, 1980).

No estudo de Haynie (2002), os resultados evidenciaram que os alunos cometem mais ofensas quando os amigos da escola são considerados menos importantes. Este estudo vai de encontro ao estudo de Claes e Simard (1992) que demonstrou que os delinquentes socializam fora do ambiente escolar, enquanto que os não-delinquentes geralmente constroem as suas amizades na seio da mesma.

## Capítulo IV

### Jovens com Comportamentos Delinquentes/Desviantes

O comportamento delinvente é compreendido como o acto de cometer um delito ou falta no desrespeito pelo quadro das regras instituídas legalmente numa sociedade (Matos, 1996; Matos, 2002), essa transgressão representa uma ruptura no que concerne aos limiares de tolerância dos grupos sociais, detentores de sistemas de normas e de valores de uma sociedade num dado momento da sua evolução (Selosse, 1976; cit. por Carvalho, 2004).

Freud (1961; cit. por Vaughn & Santos, 2007) foi o primeiro a analisar o comportamento agressivo e a tratar a agressividade através de uma perspectiva desenvolvimental. Segundo este autor os conflitos inevitáveis entre o desejo e a possibilidade nas relações íntimas despertam o instinto agressivo, observável desde os primeiros meses da infância. Assim, o desenvolvimento de condutas delinquentes por parte das crianças e adolescentes, juntamente com a ausência de relações afectivas positivas com os pais, direccionam-nas para um percurso de infância com sucessivas rupturas e quebras nos laços familiares e sociais (Carvalho, 2004). O núcleo familiar destes jovens não funciona como um equilibrado suporte afectivo, uma vez que é caracterizado pela instabilidade, violência recorrente e ausência de figuras permanentes de referência (Carvalho, 2004). Logo, quando a prática parental é inconsistente, negligente ou severa o resultado do percurso de vida da criança é frequentemente problemático (Grossmann & Grossmann, 2004; cit. por Mota & Matos, 2010; Lansford *et al.*, 2003).

A monitorização e supervisão parental apresentam-se, frequentemente, como frágeis ou inexistentes, devido ao facto de existirem alterações no seio familiar, tais como separações/divórcios que podem ocorrer por diversos motivos, como abandono por parte de um dos progenitores, falecimento ou detenção de um destes (Carvalho, 2004), ou ainda devido à institucionalização da criança (Zegers *et al.*, 2006). Contudo, mesmo quando os progenitores se encontram fisicamente presentes surgem relações de grande conflitualidade e de rejeição, tratando-se de *um contínuo de intensas e, provavelmente, irreparáveis perdas face a quem se esperaria estar mais próxima: os próprios pais* (Carvalho, 2004, p. 11). Deste modo, o abandono, tanto emocional como físico, a negligência e a solidão sentida por estes

jovens são transformados num modo de vida assente numa falsa autonomia, em que estes se encontram entregues a si próprios muito precocemente (Carvalho, 2004).

É possível observar que o estilo parental oscila, maioritariamente, entre um exercício frágil/inconsistente e autoritário/agressivo, sendo que este último se encontra associado aos jovens com baixos níveis de auto-confiança (Steinberg *et al.*, 1994; Steinberg, 1999) e aos que possie, dificuldades na resolução de problemas (Rueter & Conger, 1998; cit. por Lansford *et al.*, 2003). Um estudo de Pettit *et al.* (2001; cit. por Lansford *et al.*, 2003) evidenciou ainda que um baixo acompanhamento nas actividades dos jovens encontra-se positivamente correlacionado com altos níveis de comportamentos delinquentes. Deste modo, os adolescentes que cometem crimes, fazem-no, em parte, devido ao facto de os seus laços com os seus pais e com a escola serem bastante ténues (Haynie, 2002).

No que respeita à vinculação, o padrão inseguro surge relacionado com o comportamento delincente (Allen *et al.*, 1998; McElhaney *et al.*, 2006), em que determinados estilos parentais potenciam a delinquência (Allen *et al.*, 2002). A vinculação insegura encontra-se igualmente associada a actos de hostilidade e de dominação (Zegers *et al.*, 2006). Por conseguinte, o padrão de vinculação insegura pode ser encarado como um factor de risco no que respeita ao aumento de níveis de delinquência no desenvolvimento dos jovens (Allen *et al.*, 2007). Os delitos cometidos pelos adolescentes com vinculação insegura representam, fundamentalmente, uma procura de apoio e protecção, uma vez que estes jovens sentem a solidão psicológica que o abandono parental lhes provoca, projectando o seu sofrimento no comportamento materializado em tentativas de apelo à atenção (Mota & Matos, 2008). Os adolescentes com um padrão de vinculação insegura procuram, geralmente, conforto na sensação de realização própria, autoridade sobre si e liberdade para tomarem as decisões que desejam. Esta procura de independência e autonomia extremas revelam a insegurança e a fragilidade destes jovens, que não possuem capacidade para superar as suas dificuldades de forma adaptativa (Mota & Matos, 2008; Allen *et al.*, 2003). É importante salientar que o facto da vinculação insegura se encontrar relacionada com o comportamento desviante pode produzir hostilidade contra os pais, diminuindo o poder destes no exercício de controlo do comportamento dos seus filhos (Allen *et al.*, 1997; Greenberg & Speltz, 1988; Patterson, DeBaryshe, & Ramsey, 1989; cits. por McElhaney *et al.*, 2006).

Assim sendo, os amigos nomeados de *sócios* possuem um papel de grande relevância na vida destes jovens, uma vez que no lugar da família se encontra um vazio (físico ou

emocional) (Carvalho, 2004; Weiner, 1995). À medida que as experiências na rua ocorrem o grupo surge como o refúgio às vivências familiares assumindo um ponto de referência e segurança (Carvalho, 2004; Weiner, 1995). O estudo de Poulin *et al.* (1999) demonstrou que os jovens delinquentes com 13-14 anos que possuíam relações de amizade de baixa qualidade aumentaram, de forma significativa, os comportamentos delinquentes após dois anos, comparativamente aos que possuíam amizades de elevada qualidade. Sutherland (1947; cit. por Haynie, 2002) concluiu que o jovem se adapta ao crime quando os seus contactos criminais excedem os contactos não-criminais, uma vez que estes afectam a exposição a padrões favoráveis à delinquência. Os comportamentos delinquentes representam assim um comportamento ilegal, como fazendo parte de uma subcultura que aprova padrões de conduta anti-social, sendo mais uma atitude de grupo do que individual (Weiner, 1995). Segundo Haynie (2002), os jovens delinquentes possuem laços interpessoais fortes, demonstrando o desenvolvimento de relações íntimas bastante evidentes durante a adolescência. Contrariamente, McElhaney *et al.* (2006) defende que os adolescentes com vinculação insegura idealizam as suas relações de amizade como se fossem significativas e fornecedoras de suporte, quando na verdade essas relações são superficiais e distantes, não desempenhando um papel preventivo no que concerne à delinquência juvenil.

### **Institucionalização**

A institucionalização é considerada uma transição difícil e geralmente pouco aceite pelos jovens (Mota & Matos, 2008), uma vez que existe uma alteração brusca e completa do seu quotidiano. Por conseguinte, a institucionalização é sentida como algo desorganizador e destruturante, interrompendo o trajecto percorrido até esse momento.

A entrada na instituição pode ser vivenciada como uma perda do seio familiar que, embora se apresente geralmente como disfuncional, representa no mundo interno dos jovens um sentimento de pertença (Mota & Matos, 2008). Em consonância com a perspectiva de vinculação, o processo de institucionalização acarreta sentimentos de perda, abandono e solidão, na medida em que em parte implica o confronto com a realidade de negligência e insensibilidade parental (Mota & Matos, 2008). Ademais, o estudo de Schleiffer e Muller (2003; cit. por Zegers *et al.*, 2006) constatou que a vinculação dos jovens institucionalizados é maioritariamente insegura.

Os jovens internados nos centros educativos provêm maioritariamente de classes sócio-económicas baixas, onde a escassez de recursos culturais e elevados índices de criminalidade e desviância predominam, repercutindo-se assim em dificuldades no que concerne ao investimento afectivo e relacional (Sandler *et al.*, 2003). O exercício parental é maioritariamente frágil, fomentando nos jovens a sensação da inexistência de regras. Esta ausência de limites pode criar um forte sentimento de desorientação e medo do desconhecido (Branco, 2000). Os centros educativos possuem um papel fulcral no desenvolvimento dos jovens com comportamentos delinquentes uma vez que constituem contextos mais estruturados e organizados, com limites claramente definidos para os comportamentos, oferecendo serviços especializados para o tratamento de problemáticas específicas, constituindo um contexto privilegiado para a realização de determinadas intervenções terapêuticas (Martins, 2005). A instituição deve ser encarada não só como um instrumento de organização, regulação e controlo social mas também como um instrumento de regulação e de equilíbrio da personalidade (1982, Andrade; cit. por Gama, 2004).

Os jovens institucionalizados, devido ao isolamento a que estão sujeitos, tendem a demonstrar elevados níveis de ansiedade e outros sentimentos como dor, raiva e depressão (Mota & Matos, 2008). Deste modo, o processo de institucionalização, devido à ruptura e perda que simboliza, pode ser encarado como uma situação de risco face à vulnerabilidade interna dos jovens. No entanto, a possibilidade do jovem estabelecer ligações afectivamente seguras dentro da instituição permite-lhe alterar o seu modelo interno de relações, facilitando a mudança das suas condutas delinquentes.

Os funcionários das instituições actuam como potenciadores das ligações afectivamente seguras, desempenhando um papel central na vida destes jovens e assumindo um cargo fulcral no sentido de os orientar e reinserir (Mota & Matos, 2008). Ao tornarem-se os seus modelos identificatórios e compensatórios das relações parentais, possibilitam a superação de barreiras de risco (Schaffer, 1996). Neste sentido, a identificação afectiva com os funcionários da instituição evidencia preponderância nas trajectórias de vida potenciando o desenvolvimento da qualidade das relações com o exterior, designadamente, através do desenvolvimento de competências de comunicação e confiança com os pares (Mota & Matos, 2008). Assim, o grupo de pares desempenha para o jovem uma importante fonte de apoio e compreensão, embora nalguns casos estas relações se mostrem lábeis, sendo, geralmente de

pouca durabilidade e consistência, próprias de uma fase de experimentação e estruturação interna (Mota & Matos, 2008).

É importante salvaguardar que muitas instituições manifestam um quadro de recursos humanos insuficiente, o que conjectura dificuldades no cumprimento das tarefas. Por outro lado, poucos membros das equipas assumem a importância da prestação de cuidados emocionais e de educação para o crescimento psicológico enquanto objectivos primários do trabalho institucional. Assim, a associação entre o esquema de trabalho, o elevado absentismo, a rotatividade de funcionários e a elevada desproporcionalidade do número de jovens para um só cuidador, parece dificultar a formação de vínculos estáveis e seguros (Carvalho, 2002; cit. por Mota & Matos, 2010).

Importa ressaltar a descoberta, por parte de alguns autores, das influências partilhadas num contexto institucional que contribuem para reforçar a delinquência, mantendo-a (Buehler *et al.*, 1966; cit. por Clarke-Mclean, 1996), ou seja, os adolescentes delinquentes observam e aprendem nas interações com o grupo que os comportamentos delinquentes são por este encorajados e recompensados (Clarke-Mclean, 1996; Dishion *et al.*, 1999).

## **Capítulo V**

### **Interligação**

Historicamente a relação entre a teoria da vinculação e a teoria das relações de objecto – psicanálise – nunca foi serena. Apesar de possuírem divergências que condicionaram a sua evolução epistemológica, estas duas teorias detêm algumas características análogas sendo patente a existência de uma ligação entre elas (Calabrese *et al.*, 2005).

Encontram-se pontos de convergência no que concerne à (1) importância dada às interações precoces, (2) à consciência de que problemas nestas relações vão originar problemas nas relações de adulto e conseqüentemente possíveis problemas de conduta e adaptação, e (3) ao facto de os pacientes em terapia, através da transferência, activarem os modelos internos dinâmicos sendo assim possível a sua modificação (Cassidy, 1998).

A teoria de vinculação de Bowlby refere a infância como sendo o período de excelência para aprender a construir relações com o outro. É nesta etapa que a criança estabelece modelos de representação dos outros e de si, a partir de experiências de relação que

vivência. Estas situações vivenciadas são construídas em relação aos modelos representacionais que o sujeito possui de si e do mundo em relação a si próprio (Bowlby, 1980; cit. por Bretherton & Munholland, 2008). Relativamente aos efeitos a longo prazo originados por privação de cuidados maternos, a investigação de autores como Bowlby (1984) demonstra que múltiplas experiências de separação e internamentos institucionais encontram-se associados à delinquência e à psicopatologia do afecto. Assim, a qualidade das relações familiares é considerada a variável fulcral na determinação do desenvolvimento comportamental. Rutter (1981; cit. por Gama, 2004) menciona pesquisas evidenciando que os lares emocionalmente desorganizados se encontram associados a comportamentos anti-sociais e de delinquência nos filhos. A vinculação insegurança surge portanto extremamente relacionada com comportamento *externalizados/delinquentes* (Allen *et al.*, 2007).

Relativamente às pesquisas efectuadas na área da vinculação e da amizade, a vinculação do tipo inseguro tem surgido associada aos jovens com comportamentos delinquentes (Allen *et al.*, 2007) e aos jovens institucionalizados (Schleiffer & Muller, 2003; cit. por Zegers *et al.*, 2006). No que concerne à qualidade das amizades, os estudos evidenciam que os jovens delinquentes possuem relações de amizade “menos íntimas”, de curta duração (Dishion *et al.*, 1995) e de baixa qualidade (McElhaney *et al.*, 2006) comparativamente aos não-delinquentes. Salva-se que alguns autores não partilham desta opinião defendendo que os jovens com comportamentos delinquentes possuem a capacidade de desenvolver relações íntimas (Clarke-Mclean, 1996; Haynie, 2002).

Deste modo, o grupo de pares parece representar um importante papel na aprendizagem de competências, na resolução de dificuldades, no autocontrolo, e na manutenção da proximidade relacional. Os pares assumem uma parte importante na vida e adquirem uma importância extrema na adolescência, por ser um período de grandes mudanças, em que dos adolescentes acompanham mutuamente as suas alterações desafiando o sentido da identidade e da auto-estima (Soares, 1990; cit. por Mota & Matos, 2010). Estas mudanças aumentam a capacidade dos jovens e dos seus pares de estabelecerem verdadeiras relações de vinculação entre si (Freeman & Brown, 2001; Nickerson & Nagle, 2005; cits. por Mota e Matos, 2010).

Importa referir que *entre um passado sempre problemático, em maior ou menor grau, e um futuro sempre incerto, a gravidade das manifestações de natureza delinquente depende da patologia das relações objectais da primeira infância* (Matos, 1996, p. 26).

## Objectivos

Conforme mencionado anteriormente, embora existam inúmeros estudos nas áreas da teoria da vinculação, das amizades e das relações de objecto, estes três aspectos não surgem adjacentes nas investigações previamente elaboradas. Assim sendo o objectivo fundamental da presente investigação prende-se com a procura do modo como estes três aspectos se articulam entre si nos jovens com comportamentos delinquentes. Outra característica que distingue o presente trabalho dos demais consiste no facto da população da amostra ser constituída por jovens com comportamentos delinquentes que se encontram internados num centro educativo, logo institucionalizados devido à prática de delitos, por antagonia às amostras utilizadas até à data que se restringiram maioritariamente a jovens inseridos em escolas comuns.

Desta forma, os objectivos do presente estudo prendem-se com a averiguação da influência dos modelos internos dinâmicos na qualidade das amizades dos jovens, nas relações no que respeita à diferenciação *eu-outro*, no investimento nas relações e no modo como as percebem.

Para estudar estas influências, optou-se pela seguinte metodologia: Relativamente aos modelos internos dinâmicos, as *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos* (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001); Para avaliar e analisar o mundo dos objectos internos, a *Social Cognition and Object Relations Scale* (Westen *et al.*, 1990), nas dimensões Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações, Capacidade de Investimento Emocional em Relações e em Padrões Morais, e Complexidade das Representações das Pessoas; E para avaliar a qualidade das amizades, o *Friendship Quality Questionnaire* (Parker & Asher, 1989).

## MÉTODO

### Delineamento

O presente estudo assume-se como investigação exploratória com recurso ao método correlacional, que propõe analisar a relação entre os modelos internos dinâmicos de vinculação, a qualidade das amizades e as relações de objecto de adolescentes com comportamentos delinquentes que se encontram institucionalizados. Para o efeito, foram utilizadas narrativas de histórias interpessoais criadas a partir das *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (NRVA; Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001)* (Anexo A) na adaptação para adolescentes (Steiner, Arjomand & Waters, 2003), sendo o material base para a cotação relativa à vinculação, a partir da entrevista elaborada através do *Relationship Anecdotes Paradigm (RAP; Luborsky, 1990)* (Anexo B) tendo sido cotadas e avaliadas através da *Social Cognition and Object Relations Scale (SCORS; Westen et al., 1990)*. Ambas realizadas por cotadores independentes. Relativamente à avaliação da qualidade das amizades foi utilizado o *Friendship Quality Questionnaire (FQQ; Parker & Asher, 1989)* (Anexo C).

### Participantes

A amostra foi escolhida por conveniência, de forma não aleatória, constituída por um total de 33 adolescentes do género masculino com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos de idade ( $M = 16$ ;  $DP = 1,25$ ). Os participantes encontram-se internados num Centro Educativo em Lisboa devido à prática de crimes.

Relativamente à escolaridade dos participantes existem jovens com o 4º ano (18,2%), 5º ano (27,3%), 6º ano (33,3%), 7º ano (3%) e 9º ano (18,2%). No que respeita à nacionalidade esta distribui-se da seguinte forma: 72,7% portuguesa, 15,2% cabo-verdiana, 3% são-tomense, 3% guineense, 3% angolana e 3% brasileira. No que concerne ao estado civil dos pais 22,6% são casados, 16,1% são viúvos(as) e 61,3% divorciados, pertencendo a um estrato social baixo. A maioria dos jovens (90,9%) possui entre 1 a 11 irmãos. Quanto ao regime de internamento, 39,4% encontram-se em regime aberto (medida menos grave) e 60,6% encontram-se em regime semiaberto (medida mais grave). No que diz respeito à

existência de institucionalização anterior, 33,3% dos jovens encontraram-se institucionalizados antes da entrada no centro educativo e 66,7% dos jovens nunca tinham estado institucionalizados.

Na recolha de dados foram efectuados todos os procedimentos éticos, como apresentação do projecto de investigação e de cartas de consentimento informado, tanto na instituição como aos participantes.

## **Instrumentos**

### ***Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (NRVA; Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001)***

O instrumento é constituído por quatro grupos de palavras sugestivas que foram desenvolvidos de modo a guiar a produção de histórias relativas a cenários importantes do ponto de vista da vinculação. As histórias são, designadamente, “O corte de cabelo”, “A festa”, “O jogo de futebol” e “Estudar para o teste”. Os dois primeiros cenários referem-se à interacção mãe-criança enquanto que os restantes à interacção pai-criança. Ainda são utilizadas duas histórias consideradas neutras: “O acampamento da Joana e do Pedro” e “O acidente da Susana”.

O protótipo de *script* de base segura é definido pela base segura mãe-parceiro(a) ajudar o indivíduo (personagem da história) a lidar com a angústia e no regresso da situação ao normal. Nos cenários mais positivos, o objectivo da base segura é facilitar a exploração, promovendo experiências positivas. As histórias organizadas à volta de um *script* de base segura terão, designadamente, (1) a base segura ajuda a seleccionar e implementar estratégias para normalizar a situação e difundir a angústia, quando isso é possível, ou evitando conjuntamente a angústia, facilitando a transição para outras actividades (para um bebé ou criança) e preparando bases explicativas para ajudar a compreender a situação (para uma criança pequena), (2) a base segura reconfigura a representação da pessoa para que esta se focalize em aspectos mais positivos, difundindo as emoções negativas, isto normalmente envolve o salientar do lado positivo da situação, (3) um foco interpessoal, ou seja, uma sensibilidade ou percepção do estado emocional da outra pessoa. Os conteúdos das narrativas de base segura focalizam-se na interacção entre os dois sujeitos e não tanto na simples

descrição da sequência dos acontecimentos da história. A base segura responde aos pedidos, sinais da criança-parceiro, modificando em função destes o seu comportamento. Existe o “dar e receber”, em que cada parceiro contribui de forma única para a situação ou actividade, ao mesmo tempo que trabalham em cooperação, como uma equipa. Existe igualmente uma reciprocidade emocional, em que a emoção expressa de um provoca uma resposta emocional no outro.

### **Procedimento de aplicação das NRVA**

Os jovens responderam a 6 conjuntos de palavras sugestivas (Steiner *et al.*, 2003), que foram apresentados um de cada vez por um investigador. Para cada história é apresentado um conjunto de palavras organizadas em três colunas. As instruções dadas aos jovens são estandardizadas (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado). Foi pedido aos jovens que lessem cada coluna, de cima para baixo, da esquerda para a direita de modo a ter ideia da possível história a contar. Foram, ainda, informados de que as histórias seriam gravadas e que, se assim o entendessem, poderiam parar de contar uma história e reiniciá-la. Quatro das histórias, nomeadamente, “O corte de cabelo”, “A festa”, “O jogo de futebol” e “Estudar para o teste”, visavam elicitar temas relacionados com a vinculação e as restantes, designadamente, “O acampamento da Joana e do Pedro” e “O acidente da Susana” são consideradas neutras e como tal não foram cotadas para o score de base segura. Duas das narrativas referem-se explicitamente a conteúdos da relação mãe-criança (“O corte de cabelo” e “A festa”), outras duas referem-se à relação pai-criança (“O jogo de futebol” e “Estudar para o teste”) e as restantes procuram elicitar conteúdos referentes à temática das relações adulto-adulto (“O acampamento da Joana e do Pedro” e “O acidente da Susana”). Há medida que os conjuntos de palavras sugestivas eram fornecidos aos jovens para estes realizarem a tarefa proposta, o investigador identificava a história como sendo relacionada com interacção mãe-criança, pai-criança ou interacção adulto-adulto.

Foi também efectuado o registo áudio da sessão de aplicação do instrumento, de modo a garantir a existência de um suporte com informação sobre os comportamentos verbais do jovem, essencial para a análise e cotação posterior das narrativas. Posteriormente, as narrativas foram transcritas, tendo em consideração o tom de voz e o discurso.

## **Cotação das NRVA**

As narrativas foram cotadas seguindo uma avaliação dimensional das representações de vinculação aos pais num contínuo, sendo privilegiada a extensão em que estão ou não presentes elementos da dimensão segurança – insegurança (Waters & Waters, 2006).

As narrativas foram cotadas numa escala de 7 pontos. Um valor global sintetiza tanto a presença, como a qualidade do *script* para cada uma das narrativas. A escala mede desde “extensa organização do *script* de base segura com substancial elaboração” (7) até “nenhum conteúdo *script* de base segura é aparente; a narrativa é basicamente uma lista de eventos” (1). Os valores mais baixos (1-2) são reservados para histórias em que, não só existe ausência do *script* como, também, se verifica a existência de conteúdos bizarros, em que o grupo de palavras é utilizado de uma forma completamente idiossincrática. Assim, valores inferiores a 4 correspondem a ausência de *script* de base segura e superiores ou iguais a 4 correspondem à presença de *script* de base segura. Os valores mais elevados são atribuídos quando o *script* é elaborado, demonstra conhecimento e sensibilidade face ao estado emocional do outro, reformula o significado do obstáculo/conflito de um modo favorável e/ou integra a interacção actual no contexto da relação entre os sujeitos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004; Waters & Waters, 2006). De acordo com Waters e Waters (2006), na cotação das narrativas não devem ser tidos em consideração detalhes relativos à linguagem (e.g., os tempos verbais, ou as repetições) e à veracidade da história (uma vez que todas as histórias são fictícias) devendo evitar-se as inferências acerca dos estados mentais e as interpretações psicodinâmicas.

A cotação de todas as narrativas foi efectuada por um investigador experiente e independente dos investigadores que procederam à recolha de dados, que pertence à Linha 1 (Psicologia do Desenvolvimento) da Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação (UIPCDE) do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), independente da recolha de dados e da cotação da escala *SCORS* e sem qualquer conhecimento de outras informações relativas aos jovens.

## ***Social Cognition and Object Relations Scale (SCORS; Westen et al., 1990)***

A escala constitui um instrumento de avaliação clínica, desenvolvida para avaliar e analisar o mundo dos objectos internos, sendo utilizada para caracterizar as representações do

funcionamento interpessoal dos sujeitos, procurando aceder a uma variedade de aspectos da personalidade dos sujeitos.

A *SCORS* analisa e avalia narrativas fornecidas pelos sujeitos que contêm episódios de relacionamento interpessoal. A escala possui 4 dimensões, nomeadamente, (1) Complexidade das Representações das Pessoas, (2) Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações, (3) Capacidade de Investimento Emocional em Relações e em Padrões Morais e (4) Compreensão da Causalidade Social.

A Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações, a Capacidade de Investimento Emocional em Relações e em Padrões Morais, e a Compreensão da Causalidade Social são escalas com 5 pontos. A escala da Complexidade das Representações das Pessoas possui 7 pontos.

A Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações mede a qualidade afectiva das representações de pessoas e relações, avaliando as expectativas positivas e negativas do indivíduo em relação aos outros nas relações, bem como a forma como as descreve. Deste modo, pretende aceder à extensão em que a pessoa espera que as relações sejam destrutivas e ameaçadoras ou seguras e enriquecedoras. De uma perspectiva psicanalítica, esta dimensão pode ser conceptualizada como a coloração afectiva do “mundo objectal” – de malevolente a benevolente – e de uma perspectiva sócio-cognitiva, refere-se à qualidade afectiva das expectativas interpessoais – relações dolorosas e ameaçadoras ou agradáveis e enriquecedoras.

A Capacidade de Investimento Emocional em Relações e em Padrões Morais mede de que forma os indivíduos são tratados pelo Eu, ou seja, se são tratados como fins e não como meios. Ao nível relacional, se este privilegia a auto-gratificação ou se beneficia os outros, sendo capaz de estabelecer e manter relações significativas e de compromisso. Nesta dimensão é igualmente avaliado se os padrões morais são desenvolvidos e tidos em consideração.

A Complexidade das Representações das Pessoas mede a extensão da diferenciação clara entre o sujeito e os outros, isto é, até que ponto considera que ele próprio e os outros apresentam características estáveis, duradouras e multidimensionais, e entende que ele próprio e os outros constituem seres psicológicos com motivações complexas e experiências subjectivas.

Importa salientar que, embora a *SCORS* tenha sido utilizada na cotação, para obter as narrativas de episódios de relacionamento interpessoal dos jovens foram efectuadas entrevistas baseadas no *Relationship Anecdotes Paradigm (RAP; Luborsky, 1990)*. Geralmente são utilizadas as narrativas do Thematic Apperception Test (TAT), contudo, as narrativas *RAP* são relatos de experiências reais com pessoas reais ao contrário do TAT que se baseiam em ficção. Para fins de avaliação a vantagem poderá recair sob a entrevista *RAP*, uma vez que conclusões retiradas do *RAP* podem ser menos inferenciais que as narrativas baseadas no TAT, isto porque são baseadas em histórias mais directas de eventos que revelam os padrões de relacionamento do indivíduo (Luborsky, 1990). Deve ainda salientar-se que a entrevista é o formato mais natural, porque requer somente que as pessoas retratem eventos passados, de interacção recíproca, situação na qual se sentem habitualmente confortáveis.

### **Procedimento de aplicação da *SCORS***

Inicialmente foram efectuadas as entrevistas baseadas no *Relationship Anecdotes Paradigm (RAP; Luborsky, 1990)*, que consistem em solicitar 5 eventos/incidentes específicos em que o jovem esteja em relação com a mãe (1), o pai (1) e amigos (3). Para cada um deles é pedido, entre outras, que diga quando aconteceu, algo que a outra pessoa tenha dito ou feito e o que aconteceu no fim (Luborsky, 1990).

Foi efectuado o registo áudio da sessão de aplicação do instrumento, de modo a garantir a existência de um suporte com informação sobre os comportamentos verbais do jovem, essencial para a análise e cotação posterior das histórias. Posteriormente, as histórias dos participantes foram transcritas.

A etapa seguinte consistiu na leitura do manual da *SCORS* e no início do processo de treino de cotação, ao nível das escalas, nomeadamente, Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações, Capacidade de Investimento Emocional em Relações e em Padrões Morais, e Complexidade das Representações das Pessoas. Após este processo, realizou-se a análise do acordo inter-observadores, a fim de garantir a fidedignidade dos resultados obtidos.

### **Cotação da SCORS**

Como referido anteriormente, optou-se no presente estudo, pela análise das seguintes variáveis: Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações, Capacidade de Investimento Emocional em Relações e em Padrões Morais, e Complexidade das Representações das Pessoas. Dois investigadores independentes avaliaram as mesmas narrativas seguindo a SCORS (Westen *et al.*, 1990).

É importante mencionar que os resultados da análise dos Modelos Internos de Vinculação só foram fornecidos pela Unidade de Investigação após a cotação das histórias da SCORS, a fim de não contaminar o processo de cotação desta e garantir que a mesma fosse efectuada por investigadores independentes.

### **Cotação da Dimensão Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações**

Nesta escala, cotações baixas traduzem expectativas malevolentes das relações, e cotações elevadas traduzem um misto de representações com predominância de uma experiência positiva sobre as interacções interpessoais. Os cinco pontos de cotação que a constituem correspondem às seguintes situações:

(1) a pessoa entende o mundo social como sendo extremamente ameaçador e/ou experiencia a vida como demasiado transitória e dolorosa. As pessoas são vistas como abandonadas, abusadoras, ou destrutivas dos outros e de si, sem qualquer razão, para além duma possível malícia ou despreocupação. Frequentemente as pessoas são classificadas como vítimas ou vitimizadoras. A pessoa pode sentir-se extremamente só;

(2) a pessoa vê o mundo, particularmente o das pessoas, como hostil, caprichoso, vazio ou distante, mas não avassalador. A pessoa pode sentir-se sozinha e as pessoas podem ser experienciadas como desagradáveis ou não cuidadoras, mas não primariamente como ameaças à sua existência;

(3) a pessoa tem representações/esquemas sobre pessoas e expectativas interpessoais carregados de uma variedade de afectos, que não são primariamente positivos. As pessoas são geralmente vistas como capazes de amar e ser amadas, de cuidar e serem cuidadas;

(4) a pessoa tem representações/esquemas sobre pessoas e expectativas interpessoais repletos de uma variedade de afectos, primariamente positivas. Em geral, as pessoas são vistas como capazes de amar e serem amadas e de gozar a companhia dos outros; e

(5) a pessoa tem representações/esquemas sobre pessoas e expectativas interpessoais repletos de uma variedade de afectos. Geralmente esperam que as relações sejam benignas e mutuamente enriquecedoras. A pessoa espera intimidade, apreciação mútua e lealdade nas relações íntimas.

### **Cotação da Dimensão Capacidade de Investimento Emocional em Relações e em Padrões Morais**

Nesta escala, cotações baixas traduzem uma orientação para a satisfação das suas necessidades e uma profunda auto-preocupação, e cotações elevadas indicam uma noção de Eu autónomo no contexto de relações sérias, reconhecimento da natureza convencional das regras morais no contexto de critérios cuidadosamente considerados, e preocupação por pessoas ou relações concretas. Os cinco pontos de cotação que a constituem correspondem às seguintes situações:

(1) a preocupação predominante é a auto-gratificação. As perspectivas, necessidades e desejos dos outros não são tidas em consideração, e o impacto das suas acções sobre os outros não são frequentemente tidas em conta. A pessoa é vista como só se encontrando em relação consigo própria, isto é, os outros são tratados como ferramentas para a realização dos seus desejos, como espelhos ou audiência para as suas exhibições, ou como obstáculos para a sua gratificação. A pessoa pode ser vista como útil e reconfortante no momento, contudo não são investidos emocionalmente pelas suas características únicas. As regras e a autoridade são vistas como obstáculos excepto quando são momentaneamente úteis;

(2) a pessoa reconhece que existe diferença entre as suas necessidades e desejos e as dos outros, embora o principal objectivo continue a ser a satisfação dos seus próprios desejos. As amizades desenvolvem-se, embora em muitos aspectos se mantenham interpermutáveis. As relações consistem largamente em partilhar actividades. Os vínculos são importantes, mas as necessidades do outro são tipicamente experienciadas como secundárias em relação às suas próprias necessidades, particularmente quando estes entram em conflito. Existe uma percepção rudimentar do certo e do errado, caracterizada pelo equilíbrio entre a

prudência e da moralidade (i.e., as acções más são erradas porque conduzem à punição/castigo). As imposições morais que existem são frequentemente primitivas e severas;

(3) a pessoa leva em consideração as necessidades e desejos dos outros que lhe são significativos na tomada das suas decisões. Agradar outras pessoas, ser amado, e comportar-se em concordância com os padrões das autoridades respeitáveis são objectivos importantes que muitas vezes substitui o auto-interesse. As amizades e as relações familiares são relativamente convencionais. A pessoa preocupa-se em ser boa e sente culpa quando os seus pensamentos, sentimentos ou acções entram em conflito com os padrões internalizados. As regras são respeitadas porque são regras, as condutas e as convenções são encaradas como importantes e até naturais. As regras morais são relativamente rígidas e concretas, e pode existir um acentuado sentido de dever, particularmente para determinadas pessoas;

(4) a pessoa é capaz de desenvolver relações profundas e de compromisso, em que o outro é avaliado pelas suas qualidades únicas. O compromisso com os outros sobrepõe-se muitas vezes aos seus próprios desejos, mas as acções dos outros são aceites sem um sentido rígido de dever ou um desejo predominante de ser amado pelas suas boas acções. Os julgamentos morais, os valores e os modos de resolução de conflitos permanecem relativamente convencionais. A pessoa preocupa-se em fazer o correcto, como se encontra definido pela sociedade ou pelas autoridades, o qual está frequentemente expresso em termos abstractos e é muitas vezes auto-abnegatório. As relações são vistas como duradouras e envolvem um compromisso e uma intimidade consideráveis;

(5) a pessoa trata-se a si e aos outros como fins e não meios. A pessoa interessa-se no desenvolvimento e felicidade de ambos, e tenta alcançar a sua individualidade autónoma no contexto de um envolvimento e investimento nos outros. Os conflitos entre pessoas com interesses distintos são compreendidos como um compromisso exigido. As autoridades e as regras não são encaradas como absolutas, a pessoa tem um sentido convencional da natureza das regras e crenças sociais que, por vezes, devem ser substituídas ou alteradas porque entram em conflito com os padrões auto-gerados ou cuidadosamente considerados, ou porque significam prejuízo para as pessoas em circunstâncias concretas.

## **Cotação da Dimensão Complexidade das Representações das Pessoas**

Nesta escala, cotações baixas demonstram que os sujeitos apresentam dificuldades em diferenciar a sua própria perspectiva da perspectiva dos outros, cotações ligeiramente superiores os sujeitos fornecem retratos simples e unidimensionais de pessoas que, não obstante, se encontram claramente diferenciadas entre si, e cotações elevadas indicam que os sujeitos manifestam um entendimento complexo relativo à natureza, expressão e contexto da personalidade e da experiência subjectiva. Os sete pontos de cotação que a constituem correspondem às seguintes situações:

(1) o sujeito não apreende os outros de uma maneira claramente diferenciada ou delimitada, e/ou não diferencia os seus próprios pensamentos e sentimentos dos pensamentos e sentimentos dos outros;

(2) o sujeito apreende as pessoas de uma forma claramente delimitada, distintas dele mesmo e entre elas, mas não apreende a subjectividade dos estados, dos motivos ou das características duradouras dessas pessoas. O enfoque centra-se nos comportamentos e acções momentâneas. As pessoas são vistas como seres unidimensionais, que existem dentro de situações e não de forma transversal às situações. Quando é apreendido que as pessoas detêm características permanentes, estas são características avaliadoras e globais como “bom” ou “mau”. O sujeito não detém um sentido de consciência psicológica;

(3) a pessoa começa a revelar alguns sinais de consciência psicológica, e começa a estabelecer inferências sobre estados subjectivos, além de se concentrar nos comportamentos. A compreensão dos processos psicológicos e experiências subjectivas, próprios e alheios, é no entanto muito superficial. O sujeito apresenta ideias ou teorias relativas às suas características permanentes e às características permanentes dos outros, mas estas teorias intuitivas são unidimensionais, demasiado generalistas, estereotipadas ou pouco subtis. Não existe uma percepção de que as pessoas podem fazer coisas “fora do (seu) normal” ou experienciar conflitos psicológicos. As descrições podem basear-se em esquemas de como as pessoas se comportam normalmente, e não numa compreensão da particularidade dos estados mentais, significados pessoais e atributos permanentes, próprios e alheios;

(4) o sujeito apresenta uma compreensão em desenvolvimento no que toca à complexidade dos estados subjectivos e das disposições de personalidade, próprias e alheias;

(5) o sujeito reconhece a complexidade dos próprios estados subjectivos e dos estados subjectivos das outras pessoas e apresenta uma perspectiva relativamente diferenciada sobre as disposições de personalidade. No entanto, o sujeito não integra as representações complexas dos estados subjectivos com as representações de personalidade complexas. As partes constituintes da personalidade não são ainda entendidas como aspectos de um sistema interactivo, dentro do qual as disposições permanentes podem entrar em conflito. O sujeito tem presentes alguns processos inconscientes, mas a compreensão destes não se encontra ainda integrada no conhecimento das características permanentes e da história pessoal;

(6) o sujeito vê-se a si próprio e aos outros de formas suficientemente complexas. O sujeito consegue reflectir sobre as suas próprias representações em relação a si e em relação aos outros, consegue descrever mudanças de personalidade ao longo do tempo e pode deter um sentido rudimentar sobre as raízes históricas (familiares, experienciais) das características, dos estados sensitivos e dos processos psicológicos;

(7) o sujeito consegue simultaneamente coordenar e integrar representações complexas e generalizadas de si próprio e dos outros com representações complexas de estados mentais específicos. O sujeito apresenta um entendimento integrado em relação a processos psicológicos complexos dentro do contexto das histórias e atributos pessoais, próprios e alheios. O sujeito pode observar e decidir que as pessoas são específicas e individuais, e consegue entender como os significados pessoais antigos afectam as experiências psicológicas actuais. O sujeito consegue construir inferências elaboradas sobre estados mentais, motivações, pontos de vista, processos inconscientes, sentimentos e impulsos conflituosos, próprios e alheios.

### ***Friendship Quality Questionnaire (FQQ; Parker & Asher, 1989)***

O *Friendship Quality Questionnaire* (Parker & Asher, 1989) avalia a qualidade da amizade acedendo às percepções que os adolescentes têm de vários aspectos qualitativos da sua melhor amizade. Este instrumento é constituído por 40 itens e um outro de aquecimento que se agrupam em 6 subescalas, designadamente, Validação e Cuidado, isto é, a relação é caracterizada por aspectos como o cuidar, o apoio e o interesse (itens 4, 5, 6, 8, 10, 12, 13, 15, 30, 41); Resolução de Conflito, isto é, o grau em que as divergências na relação são resolvidas razoavelmente e de forma eficiente (itens 11, 26, 35); Conflito e Traição, isto é, a relação é

caracterizada pelo argumento, pela discordância, aborrecimento ou desconfiança (itens 3, 9, 20, 21, 27, 31, 37); Ajuda e Orientação, isto é, caracterizada pelos esforços de os amigos se ajudarem uns aos outros ou por tarefas desafiantes (itens 17, 18, 24, 28, 32, 33, 34, 36, 39); Companheirismo e Recriação, isto é, os amigos passarem tempo agradável quando estão juntos dentro ou fora da escola (itens 2, 7, 19, 22, 23); e Partilha de Intimidade, isto é, a relação é baseada na partilha de informações pessoais ou sentimentos (itens 14, 16, 25, 29, 38, 40).

### **Procedimento de aplicação do *FQQ***

Na aplicação do instrumento é pedido aos jovens que respondam a cada item numa escala de Likert de 5 pontos, designadamente, Nada Verdadeiro (1), Um Pouco Verdadeiro (2), Verdadeiro (3), Bastante Verdadeiro (4) e Muito Verdadeiro consoante o quão verdadeira, ou não, é a afirmação relativamente à relação com o amigo específico que escolheu para se basear na resposta ao instrumento (Parker & Asher, 1993). Inicialmente é pedido ao jovem que escolha um amigo específico para responder ao instrumento baseando-se na sua relação com este, para desencorajar o jovem a responder ao questionário com base numa representação interna de uma amizade estereotipada ou idealizada, ou num composto mental das suas diferentes relações de amizade (Parker & Asher, 1993). O instrumento foi aplicado individualmente pelo investigador.

### **Cotação do *FQQ***

Foram identificadas as 6 subescalas através da análise dos componentes principais (rotação oblíqua) das respostas dos 33 jovens aos 40 itens do questionário. A análise dos componentes principais foi utilizada para agrupar os itens nas subescalas (Parker & Asher, 1993).

Finalmente, foram analisados os resultados das Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos, da *Social Cognition and Object Relations Scale* e do *Friendship Quality Questionnaire* tendo sido correlacionadas entre si.

## ANÁLISE DE RESULTADOS

Em seguida, apresentam-se os principais resultados para cada um dos instrumentos utilizados.

### **Consistência interna das *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos***

Cada história foi lida e analisada por dois investigadores utilizando uma escala de 7 pontos definida por Waters e Rodrigues-Doolabh (2004, manual não publicado). As histórias foram agrupadas por temas, isto é, todas as histórias da Mãe-Criança foram colocadas num grupo e cotadas na mesma sessão. O mesmo procedimento foi utilizado nas restantes histórias que foram cotadas em diferentes dias, de modo a minimizar qualquer influência dos investigadores.

A análise da consistência interna para as histórias, por meio do coeficiente de *alfa de Cronbach*, verificou a existência de uma boa consistência interna,  $\alpha=.78$ .

### ***Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (NRVA)***

As médias de cada história oscilaram entre 2.44 (DP=.71) na história respeitante ao Jogo de Futebol, e 2.71 (DP=.99) na história com o título Estudar para o Teste.

Tabela 1

*Médias e desvios-padrão das histórias*

Histórias	Média	Desvio Padrão
A Festa	2.652	1.130
O Corte de Cabelo	2.659	.879
Estudar para o Teste	2.705	.999
Jogo de Futebol	2.439	.713

## Correlações dos valores das histórias das NRVA

De forma a procurar compreender como se relacionam os dois grupos das quatro histórias das NRVA, realizou-se uma análise correlacional (correlações de *Pearson*) para as histórias da Mãe-Criança e as histórias Pai-Criança. Uma vez que a correlação entre as duas narrativas Mãe-Criança e as duas narrativas Pai-Criança é elevada, foi realizada a média das cotações das histórias Mãe-Criança, obtendo-se assim um *valor* para este grupo, tendo-se efectuado o mesmo para as histórias Pai-Criança. Foi obtido um *valor* global através do cálculo da média de todas as histórias. As correlações entre o valor compósito para as histórias Mãe-Criança e o valor compósito para as histórias Pai-Criança, bem como o valor do *alfa de Cronbach* para as quatro histórias são apresentadas na tabela 2. Foi encontrada uma correlação positiva e significativa ( $r=.57, \rho=.01$ ). Os resultados são consistentes com os apresentados por Silva (2007) e ligeiramente superiores aos apresentados por Dykas *et al.* (2006).

Tabela 2

*Correlação entre as histórias Mãe-Criança e Pai-Criança*

Histórias	Mãe-Criança	Pai-Criança
Mãe-Criança		.572**
Pai-Criança		

\*\* $p<.01$

## Consistência interna das *Social Cognition and Object Relations Scale*

Dois investigadores leram e cotaram cada história utilizando as escalas correspondentes a cada dimensão (Westen *et al.*, 1990). A análise da consistência interna para as dimensões, por meio do coeficiente de *alfa de Cronbach*, verificou a existência de uma boa consistência interna para todas as dimensões, designadamente, Capacidade de Investimento Emocional em Relações e Padrões Morais ( $\alpha=.78$ ), Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações ( $\alpha=.71$ ) e Complexidade das Representações das Pessoas ( $\alpha=.71$ ).

### *Social Cognition and Object Relations Scale (SCORS)*

Relativamente às médias das cotações inter-investigadores, para a Complexidade das Representações das Pessoas oscilam entre 2.00 e 3.50 (M=2.64, DP=.41), para a Capacidade de Investimento Emocional em Relações e Padrões Morais oscilam entre 1.80 e 4.00 (M=2.55, DP=.54) e para a Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações oscilam entre 2.40 e 3.70 (M=3.17, DP=.45).

### **Correlações das dimensões da SCORS**

Com o intuito de compreender como se relacionam as dimensões da SCORS, realizou-se uma análise correlacional (correlações de *Pearson*) para as três dimensões, nomeadamente, Capacidade de Investimento Emocional em Relações e Padrões Morais, Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações e Complexidade das Representações das Pessoas. Foi encontrada uma correlação positiva e significativa entre Capacidade de Investimento Emocional em Relações e Padrões Morais e Complexidade das Representações das Pessoas ( $r=.56, p=.01$ ), e entre Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações e Capacidade de Investimento Emocional em Relações e Padrões Morais ( $r=.69, p=.01$ ). Os resultados são consistentes, embora ligeiramente superiores, com os apresentados por Paulino (2010) na sua investigação com crianças.

Tabela 3

*Correlações entre as dimensões da SCORS*

Dimensões	Complexidade das Representações das Pessoas	Capacidade de Investimento Emocional em Relações e Padrões Morais	Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações
Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações	.219		
Complexidade das Representações das Pessoas		<b>.563**</b>	
Investimento em Emocional em Relações e Padrões Morais			<b>.685**</b>

\*\* $p<.01$

### Consistência interna das *Friendship Quality Questionnaire* (FQQ)

A análise da consistência interna para as subescalas, por meio do coeficiente de *alfa de Cronbach*, verificou a existência de uma boa consistência interna, oscilando entre  $\alpha=.50$  na subescala Companheirismo e Recriação e  $\alpha=.92$  na subescala Ajuda e Orientação (tabela 4). Estes valores, embora bastante próximos, são ligeiramente inferiores aos detectados por Parker e Asher (1993) na sua investigação com crianças, e são semelhantes aos encontrados em pré-adolescentes por Afonso (2010).

### *Friendship Quality Questionnaire* (FQQ)

As médias de cada subescala oscilaram entre 1.75 (DP=.63) na subescala Conflito e Traição e 3.98 (DP=.78) na subescala Partilha e Intimidade.

Tabela 4

*Estatística descritiva e fiabilidade das 6 subescalas*

Subescalas	Média	Desvio Padrão	Alfa
Validação e Cuidado	3.49	.68	.87
Resolução de Conflito	3.70	.96	.70
Conflito e Traição	1.75	.63	.70
Ajuda e Orientação	3.86	.91	.92
Companheirismo e Recriação	2.72	.70	.50
Partilha de Intimidade	3.98	.78	.83

### Correlações das dimensões do FQQ

Com o objectivo de compreender como as subescalas do FQQ se relacionam, realizou-se uma análise correlacional (correlações de *Pearson*) para as seis subescalas. Foram encontradas correlações positivas e significativas entre Validação e Cuidado e Resolução de

conflito ( $r=.74, \rho=.01$ ), Ajuda e Orientação e Validação e Cuidado ( $r=.85, \rho=.01$ ), Resolução de Conflito e Ajuda e Orientação ( $r=.80, \rho=.01$ ), Companheirismo e Recriação e Validação e Cuidado ( $r=.82, \rho=.01$ ), Companheirismo e Recriação e Resolução de Conflito ( $r=.56, \rho=.01$ ), Ajuda e Orientação e Companheirismo e Recriação ( $r=.78, \rho=.01$ ), Partilha de Intimidade e Validação e Cuidado ( $r=.70, \rho=.01$ ), Resolução do Conflito e Partilha de Intimidade ( $r=.73, \rho=.01$ ), Ajuda e Orientação e Partilha e Intimidade ( $r=.75, \rho=.01$ ).

Tabela 5

*Correlações entre as dimensões do FQQ*

Subescalas	Resolução de Conflito	Conflito e Traição	Ajuda e Orientação	Companheirismo e Recriação	Partilha de Intimidade
Validação e Cuidado	<b>.739**</b>	-.112	<b>.854**</b>	<b>.815**</b>	<b>.695**</b>
Resolução de Conflito		-.246	<b>.803**</b>	<b>.555**</b>	<b>.727**</b>
Conflito e Traição			-.174	.104	-.024
Ajuda e Orientação				<b>.776**</b>	<b>.751**</b>
Companheirismo e Recriação					.670**

\*\* $p<.01$

**Relação entre as Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos e a Social Cognition and Object Relations Scale**

Procurando verificar a relação entre as histórias agrupadas Mãe-Criança e Pai-Criança e as dimensões da *SCORS*, realizou-se uma correlação de *Pearson*. Como se pode verificar na tabela 6, nenhum dos valores obtidos foi significativo. Encontrou-se somente uma tendência para uma correlação significativa para um valor de  $r=.24$  entre a Capacidade de Investimento Emocional em Relações e Padrões Morais e as histórias Mãe-Criança. Estes resultados encontram-se de acordo com os encontrados por Paulino (2010) e, embora ligeiramente superiores, por Pinto *et al.* (2010).

Tabela 6

*Correlações entre as histórias das Narrativas de Vinculação e as dimensões da SCORS*

Dimensões	Mãe-Criança	Pai-Criança	Total MID
Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações	.051	-.009	.027
Complexidade das Representações das Pessoas	.150	.097	.142
Capacidade de Investimento Emocional em Relações e Padrões Morais	<b>.239</b>	-.051	.118

### **Relação entre as Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos e o *Friendship Quality Questionnaire***

Com o intuito de verificar a relação entre as histórias agrupadas Mãe-Criança e Pai-Criança e as subescalas do *FQQ*, realizou-se uma correlação de *Pearson*. Como se pode verificar na tabela 7, nenhum dos valores obtidos foi significativo. Encontraram-se tendências para correlações significativas entre a história Corte de Cabelo e as subescalas Resolução de Conflito ( $r=.20$ ) e Partilha de Intimidade ( $r=.23$ ), entre a história Estudar para o Teste e as subescalas Validação e Cuidado ( $r=.21$ ), Resolução de Conflito ( $r=.23$ ) e Partilha de Intimidade ( $r=.23$ ), entre a subescala Resolução de Conflito e o Total MID ( $r=.24$ ) e as histórias Pai-Criança ( $r=.22$ ) e Mãe-Criança ( $r=.20$ ). Este último resultado encontra-se em consonância com o obtido por Afonso (2010).

Tabela 7

*Correlações entre as histórias das Narrativas de Vinculação e as dimensões do FQQ*

	A Festa	O corte de Cabelo	Estudar para o Teste	Jogo de Futebol	Mãe-Criança	Pai-Criança	Total MID
Validação e Cuidado	.041	.169	<b>.209</b>	.060	.110	.165	.153
Resolução de Conflito	.158	<b>.203</b>	<b>.234</b>	.147	<b>.202</b>	<b>.222</b>	<b>.238</b>
Conflito e Traição	-.146	-.158	-.092	-.158	-.171	-.134	-.174
Ajuda e Orientação	-.002	.141	.153	-.035	.069	.084	.085
Companheirismo e Recriação	-.099	.030	.037	-.073	-.048	-.010	-.035
Partilha de Intimidade	-.086	<b>.229</b>	<b>.231</b>	.084	.059	.190	.135

Como não foram encontradas correlações significativas entre as histórias das narrativas e as subescalas do *FQQ* optou-se por comparar diferenças entre os sujeitos com pontuações inferiores (*percentil 25*) e pontuações superiores (*percentil 75*) para o modelo global, modelo materno e paterno. Assim, determinados os valores dos *percentis* para o modelo global (N=16), no grupo com pontuação inferior encontram-se todos os que obtiveram pontuação  $\leq 2.03$  e no grupo com pontuação superior encontram-se todos os que obtiveram pontuação  $\geq 3.16$ . Para o modelo materno (N=18), no grupo com pontuação inferior encontram-se todos os que obtiveram pontuação  $\leq 1.88$  e no grupo com pontuação superior encontram-se todos os que obtiveram pontuação  $\geq 3.44$ . Para o modelo paterno (N=19), no grupo com pontuação inferior encontram-se todos os que obtiveram pontuação  $\leq 2.00$  e no grupo com pontuação superior encontram-se todos os que obtiveram pontuação  $\geq 3.13$ . Nestes dois últimos modelos observa-se uma tendência em relação às subescalas do *FQQ*. No modelo materno com a subescala Conflito e Traição ( $\rho < 0.10$ ) o grupo mais seguro apresenta valores inferiores. No modelo paterno com a subescala Intimidade ( $\rho < 0.08$ ), o grupo mais seguro apresenta valores superiores.

## Relação entre a *Social Cognition and Object Relations Scale* e o *Friendship Quality Questionnaire*

A existência de uma relação entre as dimensões das *SCORS* e as subescalas do *FQQ*, foi averiguada através da realização de uma correlação de *Pearson*. Como se pode verificar na tabela 8, encontraram-se correlações significativas entre a dimensão Complexidade das Representações das Pessoas e a subescala Conflito e Traição ( $r=.46$ ), e entre a dimensão Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações e a subescala Resolução de Conflito ( $r=.38$ ). Foram ainda encontradas tendências para correlações significativas entre a dimensão da Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações e as subescalas Partilha de Intimidade ( $r=.33$ ), Ajuda e Orientação ( $r=.28$ ), Validação e Cuidado ( $r=.27$ ), Companheirismo e Recriação ( $r=.26$ ).

Tabela 8

*Correlações entre as dimensões da SCORS e as dimensões do FQQ*

Dimensões	Complexidade das Representações das Pessoas	Capacidade de Investimento Emocional em Relações e Padrões Morais	Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações
Validação e Cuidado	.195	.102	<b>.272</b>
Resolução de Conflito	.082	.093	<b>.375*</b>
Conflito e Traição	<b>.456**</b>	.225	.149
Ajuda e Orientação	.178	.080	<b>.279</b>
Companheirismo e Recriação	.173	.066	<b>.255</b>
Partilha de Intimidade	.112	-.110	<b>.333</b>

\* $p<.05$

\*\* $p<.01$

## Relação entre as histórias da *NRVA* e as variáveis demográficas do jovem

Na tentativa de verificar diferenças entre as variáveis demográficas do jovem, como a idade, a nacionalidade, estado civil dos pais, o facto de ter irmãos ou não, a

institucionalização anterior, entre outras, foram efectuadas correlações de *Pearson* e testes *T-Student*, e não tendo sido encontrada nenhuma correlação significativa.

### **Relação entre as dimensões da SCORS e as variáveis demográficas do jovem**

Procurando apurar diferenças, tendo em consideração a existência da institucionalização anterior nas dimensões da *SCORS*, realizaram-se testes *T-Student*. Os resultados demonstram que os jovens que não se encontraram institucionalizados anteriormente retratam valores mais elevados na Capacidade de Investimento Emocional em Pessoas e em Padrões Morais, e na Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações comparativamente aos jovens que já se encontraram institucionalizados anteriormente.

Tabela 9

*Distribuição das médias e desvios-padrão para os valores das dimensões da SCORS em relação à institucionalização anterior e valores de T de Student*

	Institucionalização Anterior	N	M	DP	T de Student	Sig.
Complexidade das Representações das Pessoas	Sim	11	2.47	.37	1.781	.085
	Não	22	2.73	.41		
Capacidade de Investimento Emocional em Pessoas e em Padrões Morais	Sim	11	2.28	.42	2.195	<b>.036</b>
	Não	22	2.69	.54		
Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações	Sim	11	2.95	.40	2.124	<b>.042</b>
	Não	22	3.28	.44		

### **Relação entre as subescalas da FQQ e as variáveis demográficas do jovem**

Relativamente à verificação de diferenças entre o tipo de regime de internamento, aberto e semiaberto, nas subescalas do *FQQ*, realizaram-se testes *T-Student*. Os resultados demonstram que os jovens de regime semiaberto retratam valores mais elevados em Validação e Cuidado, Ajuda e Orientação, Companheirismo e Recriação, e Partilha de Intimidade.

Tabela 10

*Distribuição das médias e desvios-padrão para os valores das subescalas do FQQ em relação ao regime de internamento e valores de T de Student*

	Regime de Internamento	N	M	DP	T de Student	Sig.
Validação e Cuidado	Aberto	13	3.20	.66	-2.083	<b>.046</b>
	Semiaberto	20	3.69	.65		
Resolução do Conflito	Aberto	13	3.44	1.02	-1.268	.214
	Semiaberto	20	3.87	.91		
Conflito e Traição	Aberto	13	1.60	.60	-1.092	.283
	Semiaberto	20	1.85	.65		
Ajuda e Orientação	Aberto	13	3.37	.90	-2.707	<b>.011</b>
	Semiaberto	20	4.17	.79		
Companheirismo e Recriação	Aberto	13	2.40	.67	-2.195	<b>.036</b>
	Semiaberto	20	2.92	.66		
Partilha de Intimidade	Aberto	13	3.55	.90	-2.773	<b>.009</b>
	Semiaberto	20	4.26	.57		

Finalmente, o Diagrama 1 esquematiza os principais resultados correlacionais encontrados no presente estudo. Observando este diagrama verifica-se que a relação de vinculação com a mãe possui tendências positivas com a Capacidade de Investimento Emocional em Relações e em Padrões Morais (*SCORS*) e com a Resolução de Conflito (*FQQ*). A Complexidade das Representações das Pessoas (*SCORS*) encontra-se positivamente correlacionada com a Conflito e Traição (*FQQ*). A Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações possui uma correlação positiva com a Resolução de Conflitos (*FQQ*). A Vinculação com o Pai possui tendências positivas com a Resolução de Conflitos (*FQQ*).

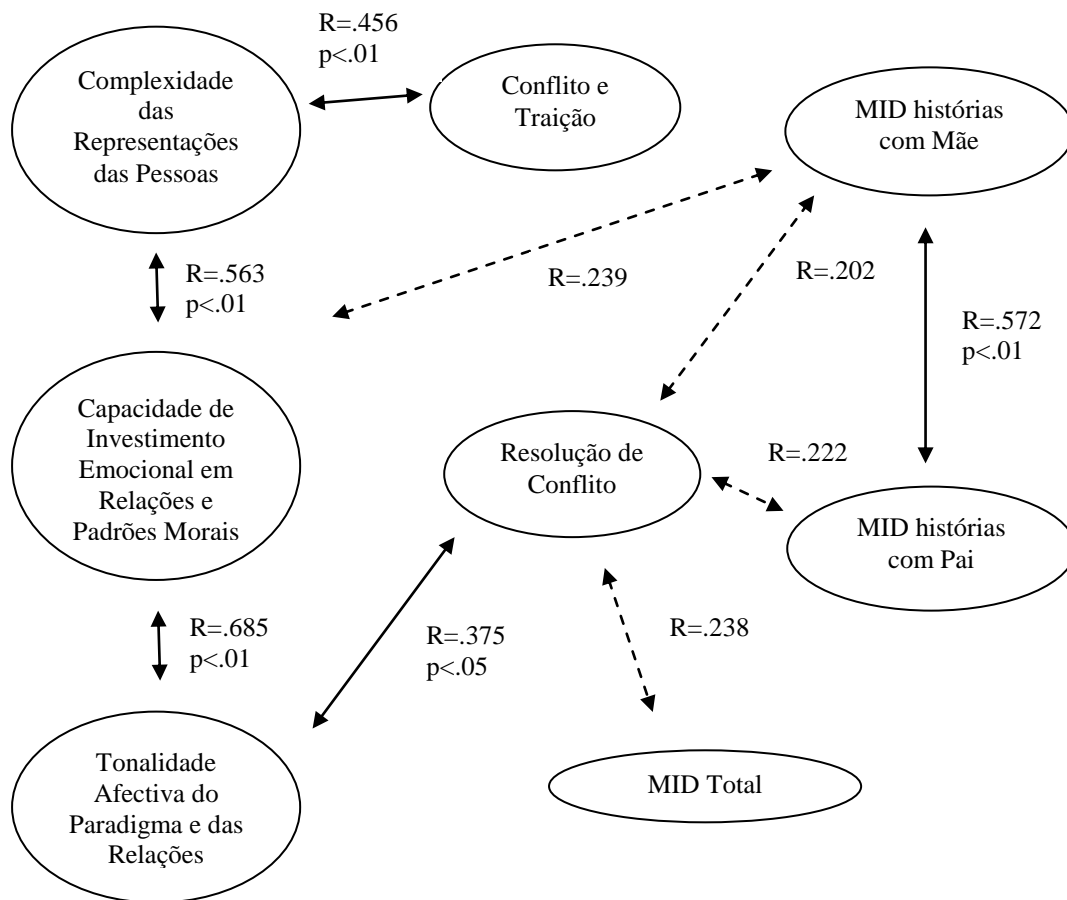
Por outro lado, a Complexidade das Representações das pessoas não possui correlação com a Tonalidade Afectiva do Paradigma das Relações.

Estes resultados sugerem que:

1. Quanto maior a qualidade da vinculação à mãe maior o investimento nas relações com os outros e, por conseguinte, mais facilmente as divergências na relação são resolvidas;
2. Quanto maior a diferenciação entre *eu* e o outro, parece existir uma maior desconfiança e discordância nas relações;
3. Quanto mais positivamente a relação for vivenciada mais facilmente as divergências são resolvidas.

Diagrama 1

*Principais Correlações Significativas e Tendências encontradas*



Legenda:

↔ Correlação significativa

↔ Tendência para correlação significativa

## DISCUSSÃO

Com base nos resultados anteriormente apresentados, proceder-se-á à discussão, procurando salientar os mais significativos, confrontando-os por sua vez com o quadro teórico de referência e comparando-os com resultados obtidos noutras investigações. O principal objectivo da presente dissertação consistiu na verificação de existência de relações entre os modelos internos dinâmicos de vinculação, o funcionamento interpessoal – tendo como base as relações de objecto – e a qualidade das amizades numa população particular – jovens com comportamentos delinquentes – que se encontra internada num centro educativo.

Os resultados obtidos permitiram a compreensão da relação entre estes três grandes campos teóricos na população específica em estudo, refutando alguns estudos anteriormente efectuados nestas áreas. Verificou-se, portanto, que os modelos internos dinâmicos não se correlacionam com a qualidade das amizades.

De facto, tal como era esperado no tipo de população em estudo – jovens com comportamentos desviantes – os valores obtidos nos três instrumentos foram menores comparativamente às populações normativas (Pinto *et al.*, 2010; Afonso, 2010; Paulino, 2010). Relativamente aos modelos internos dinâmicos a amostra evidencia uma representação maioritariamente insegura, o que confirma os resultados de outras investigações, em que os jovens com comportamentos desviantes detêm representações de vinculação maioritariamente inseguras (Schleiffer & Muller, 2003; cit. por Zegers *et al.*, 2006; Allen *et al.*, 1998; McElhaney *et al.*, 2006; Allen & Land 1999). O núcleo familiar destes jovens não funciona como um equilibrado suporte afectivo, uma vez que é caracterizado pela instabilidade, violência recorrente e ausência de figuras permanentes de referência (Carvalho, 2004).

No que respeita às relações de objecto os níveis das dimensões são maioritariamente baixos, tal como acontece no estudo de Westen *et al.* (1990) e de Calabrese (2005), o que demonstra que os jovens com comportamentos desviantes, de forma geral, possuem uma baixa qualidade afectiva das representações de pessoas e relações, demonstrando que por vezes as relações são vivenciadas como destrutivas e ameaçadoras. Isto permite evidenciar a utilização das relações para benefício próprio – auto-gratificação – na qual os padrões morais não são desenvolvidos e prezados, o que facilita a prática de crimes, uma vez que a consciência do sofrimento do outro não é tida em consideração, bem como a sociedade em geral. Estes dois resultados vão ao encontro dos estudos elaborados que evidenciam uma

associação entre baixos níveis nos modelos internos dinâmicos de vinculação com baixos níveis nas dimensões da escala *SCORS* (Priel & Besser, 2001; Calabrese, 2005). Contrariamente na investigação de Pinto *et al.* (2010), numa população normativa, os modelos internos dinâmicos de vinculação seguros encontram-se relacionados com relações de objecto positivas. Assim, jovens com modelos internos de vinculação menos seguros tendem a apresentar dificuldades no investimento em relações, tendo relações objectais menos positivas.

No que concerne à qualidade das amizades os valores obtidos são elevados. Este resultado auspicioso pode indicar que, tal como a literatura demonstra, as relações de amizade podem servir de compensadores das relações parentais (Haynie, 2002; Lansford *et al.*, 2003; Criss *et al.*, 2002) ou, por outro lado, de potenciadores do desenvolvimento criminal (Dishion *et al.*, 1995; Strayer, 1980).

No presente estudo a capacidade de diferenciar o *eu* do outro encontra-se relacionada com a capacidade de investir nas relações, isto é, os jovens evidenciam pouca consciência das características permanentes dos outros, como se estes somente existissem em situações e não possuíssem características transversais. Este facto dificulta o investimento nas relações, porque estas, tal como as pessoas, são encaradas como momentâneas e unidimensionais em detrimento de um carácter profundo e persistente no tempo. Por sua vez o investimento nas relações encontra-se relacionado com a avaliação das expectativas em relação ao outro nas relações. Isto demonstra que o jovem investe em relações, mesmo quando estas possuem aspectos negativos. Estes resultados são semelhantes aos encontrados por Paulino (2010) numa população considerada normativa. Não obstante, não existe relação entre a capacidade de diferenciação *eu-outro* e as avaliações das expectativas em relação ao outro nas relações, devido ao facto de nesta amostra os valores da capacidade de diferenciação serem manifestamente baixos. Logo, não existe uma consciência transversal do outro que permita possuir expectativas em relação a este.

Relativamente à qualidade das amizades encontramos, com excepção entre o companheirismo e a partilha de intimidade, uma relação entre apoio, ajuda, companheirismo, resolução de divergências na relação e partilha de intimidade. Isto demonstra que, embora exista companheirismo na amizade, não significa que ocorra partilha de sentimentos e informações íntimas. Estes jovens podem partilhar actividades e divertir-se no tempo livre mas não compartilhar emoções e estados afectivos. A capacidade de partilhar sentimentos e

pensamentos, bem como a maior maturidade na compreensão da reciprocidade e de igualdade na amizade são igualmente consideradas como influências importantes nas relações íntimas (Youniss, 1980), que neste caso se encontra pouco desenvolvida. Deste modo, o estabelecimento de amizades encontra-se dependente de competências para a troca de acções pro-sociais recíprocas entre indivíduos, tais como partilhar, ajudar, confortar (Parker & Asher, 1987). A única característica que não se relacionou com estas dimensões consistiu na traição e conflito que, por um lado poderá demonstrar que não existe desconfiança nem discordância com o outro, mas por outro, poderá representar a idealização das amizades comum neste tipo de população, como demonstra a literatura (McElhaney *et al.*, 2006; Mota & Matos, 2008). Os jovens idealizam as suas relações de amizade como se fossem significativas e fornecedoras de suporte, quando na verdade essas relações são superficiais e distantes, não desempenhando um papel preventivo no que concerne à delinquência juvenil (McElhaney *et al.*, 2006).

A representação de vinculação à mãe possui alguma relação com o investimento em relações e em padrões morais. Isto demonstra que os modelos internos dinâmicos do jovem relativos à mãe se encontram relacionados com os investimentos posteriores em relações e em padrões morais. Tal como a literatura corrobora (Schneider *et al.*, 2001; Bowlby, 1973; Ainsworth, 1989), a relação com a mãe influencia posteriormente o investimento que o jovem emprega nas suas relações. Uma vez que a vinculação à mãe é diminuta, o investimento será também reduzido, comprometendo o desenvolvimento de relações profundas. Importa salientar que a maioria dos jovens vive somente com a mãe, sem a presença do pai – típica figura de autoridade – e, tendo em consideração que é a mãe que transmite as regras e que a vinculação a esta é baixa, toda a transmissão de limites e regras de conduta poderá ficar comprometida, tal como mencionado por Carvalho (2004). Assim, o jovem procura geralmente conforto na sensação de realização própria, autoridade sobre si e liberdade para tomar as decisões que deseja. Esta procura de independência e autonomia extremas revelam a insegurança e a fragilidade destes jovens, que não possuem capacidade para superar as suas dificuldades de forma adaptativa (Mota & Matos, 2008; Allen *et al.*, 2003).

Não parece existir qualquer correlação entre modelos internos dinâmicos e as amizades, o que pode significar que de facto as amizades, embora influenciadas pelo modelo dinâmico interno das figuras parentais, podem ser de boa qualidade quando a representação de vinculação é insegura (Haynie, 2002; Lansford *et al.*, 2003; Criss *et al.*, 2002). Pode igualmente significar que o facto de não existir uma representação de base segura se traduza

na impossibilidade de existência de relações com a qualidade das amizades. Pode ainda significar que o instrumento em causa, designadamente, *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos*, não discrimina de forma clara os níveis patológicos, não demonstrando a variabilidade do nível da insegurança, devido ao facto de ser aplicada maioritariamente em populações normativas.

Numa análise mais profunda é possível observar relações entre as representações de vinculação materna e paterna com a resolução de conflitos, a partilha de intimidade e o apoio nas amizades. Isto demonstra que quanto mais segurança existir na relação com os pais maior a facilidade na resolução de conflitos, na partilha de intimidade e no apoio aos amigos, tal como acontece no estudo de Afonso (2010) com crianças normativas. Ainda nesta linha de raciocínio é exequível a constatação de que, comparando o grupo mais seguro com o grupo mais inseguro em termos de representação de vinculação, se denota que os pertencentes ao grupo de representação de vinculação segura evidenciam valores inferiores no conflito e traição e valores superiores na intimidade, nos modelos materno e paterno respectivamente. Isto significa que quanto mais segurança existir na representação de vinculação com a mãe menor desconfiança existirá nas relações de amizade, e quanto mais segurança existir na representação de vinculação com o pai maior intimidade existirá nas relações de amizade.

No que concerne à diferenciação *eu-outro*, esta encontra-se relacionada com o conflito e traição. Este dado evidencia que quanto maior a percepção do *eu-outro* maior a percepção dos conflitos e traições por parte dos jovens, demonstrando alguma consciência da reduzida qualidade das relações que possuem, uma vez que existe desconfiança nas mesmas. Este aspecto demonstra algum desenvolvimento da cognição social por parte do jovem. Quanto maior a diferenciação do *eu-outro*, maior deveria ser a empatia para com ele, porque existiria consciência das suas necessidades, todavia, neste caso não esta situação não ocorre, surge então a desconfiança e a divergência na relação. Esta relação pode igualmente surgir devido ao facto da população em estudo possuir um desenvolvimento emocional diferente da população normativa, na qual seria esperado não existir relação entre a diferenciação *eu-outro* e o conflito e traição.

No que respeita às expectativas nas relações, estas encontram-se relacionadas com características da amizade, tais como partilha de intimidade, ajuda e orientação, apoio, companheirismo e resolução de conflito. Por conseguinte, a capacidade de possuir expectativas – positivas e negativas – no que concerne à relação com o outro, permite ao

jovem investir na relação e deste modo partilhar intimidade, apoio, companheirismo e ajuda, encontrando-se apto para resolver as divergências na relação de forma eficiente, encarando-a de modo enriquecedor, agradável e seguro.

Importa salientar que a escala utilizada para avaliar o funcionamento interpessoal do sujeito – *Social Cognition and Object Relations Scale* (Westen *et al.*, 1990) – evidencia mais correlações com a escala da qualidade das amizades – *Friendship Quality Questionnaire* (Parker & Asher, 1989) – do que o instrumento utilizado para avaliar os modelos internos dinâmicos – *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos* (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001). Isto pode ocorrer pelo facto de a *SCORS* ser um instrumento mais habilitado para populações patológicas como é o caso do presente estudo.

Relativamente à relação das variáveis demográficas e aos modelos internos dinâmicos não foi encontrada qualquer correlação. O facto de não ter sido detectado qualquer tipo de relação significativa com a idade, a nacionalidade, o estado civil dos pais, o número de irmãos, o regime de internamento em centro e a presença ou ausência de institucionalização anterior reforça a ideia de que a vinculação parece ser um conceito extremamente específico e delimitado, independente de outras variáveis do desenvolvimento e contexto, tais como a idade, a nacionalidade, o desenvolvimento linguístico ou o estado civil dos pais. No entanto, a amostra utilizada é relativamente homogénea em relação a estas variáveis, pelo que apenas estudos que comparem crianças com valores mais díspares nestas variáveis poderão permitir a confirmação desta afirmação.

Quanto à institucionalização anterior, comparando os dois grupos, surgem duas relações, designadamente, uma com a capacidade de investimento emocional em relações e padrões morais, e outra com a tonalidade afectiva do paradigma das relações. Este facto indica que os jovens que não se encontraram institucionalizados antes da entrada no centro educativo evidenciam valores superiores na capacidade de investimento emocional nas relações e nos padrões morais, e nas expectativas em relação aos outros na relação. Pode conjecturar-se portanto que, os jovens que passaram mais tempo com a família investem mais nas relações e têm expectativas mais positivas no que toca aos outros do que os que em determinada altura da sua vida se encontraram internados numa instituição. A família embora se apresente geralmente como disfuncional, representa no mundo interno dos jovens um sentimento de pertença (Mota & Matos, 2008), influenciando as relações posteriores.

No que concerne à qualidade das amizades e ao tipo de regime de internamento – aberto e semiaberto – o segundo grupo evidencia valores superiores no que respeita ao apoio, à ajuda, ao companheirismo e à partilha comparativamente ao primeiro grupo. Este dado sugere que os jovens que se encontram num regime com menos contacto exterior detêm melhor qualidade nas amizades, ou seja, que o facto de passarem mais tempo dentro do centro educativo, lhes permite o desenvolvimento de qualidades como apoio, partilha, companheirismo e ajuda. Contrariamente, os jovens que auferem permissão para passar o fim-de-semana em casa não desenvolvem essas qualidades tão claramente. É plausível conjecturar-se que o contacto presencial constitui um factor de extrema relevância no que concerne à qualidade das amizades na população em estudo, parecendo não se verificar permanência do objecto. Contudo, uma vez que detêm todas estas qualidades, seria esperado que a resolução do conflito estivesse igualmente elevada, todavia, tal não acontece o que poderá significar que não existe espaço para o conflito e, por conseguinte, necessidade de o resolver. Parece portanto existir um sentimento uno de coesão, uma identidade global e única, de *um por todos e todos por um*. Pode, por um lado, ser positivo visto possuírem uma boa qualidade de amizades, no entanto, por outro poderá ser o local ideal para o desenvolvimento de um *gang* coeso e com um forte sentimento de pertença, uma vez que no grupo do regime semiaberto os crimes praticados são mais graves comparativamente ao regime aberto.

Importa ressaltar a existência de autores que apuraram que as influências partilhadas num contexto institucional contribuem para reforçar a delinquência, mantendo-a (Buehler *et al.*, 1966; cit. por Clarke-Mclean, 1996), ou seja, os adolescentes delinquentes observam e aprendem nas interações com o grupo que os comportamentos desviantes são por este encorajados e recompensados (Clarke-Mclean, 1996; Dishion *et al.*, 1999; Strayer, 1980).

Os jovens internados nos centros educativos provêm maioritariamente de classes sócio-económicas baixas, em que a escassez de recursos culturais e elevados índices de criminalidade e desviância predominam. Em conluio com Sandler *et al.* (2003), podemos afirmar que estas condições se traduzem em dificuldades no que respeita ao investimento afectivo e relacional dos jovens, clarificando os resultados obtidos no presente estudo.

## **Limitações e Sugestões para Futuras Investigações**

Em relação à metodologia utilizada, ao nível da metodologia psicanalítica (*SCORS*), detectou-se que na dimensão Complexidade das Representação das Pessoas, as cotações foram maioritariamente de nível 2, o que dificultou a obtenção de distinções e comparações com as outras dimensões. Esta ocorrência, poderá relacionar-se com o facto de serem jovens com comportamentos delinquentes, uma vez que não se obteve respostas com níveis de cotações 5, 6 e 7. Na dimensão Tonalidade Afectiva do Paradigma das Representações os níveis de cotação fazem sobrepor resultados de tonalidade afectiva mista, com os de tonalidade afectiva neutra, ambos cotados com valor 3, facto que prejudica o estabelecimento de conclusões e uma compreensão mais alargada dos processos internos em funcionamento.

Ainda ao nível da metodologia utilizada relativamente às *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos*, a escala evidenciou a escassez de correlações significativas o que poderá auspiciar que o instrumento não se encontra apto para o tipo de população do presente estudo, jovens com comportamentos delinquentes, cuja representação da vinculação é maioritariamente insegura, e portanto que necessitaria de uma melhor discriminação a esse nível, tendo em conta que este instrumento é utilizado maioritariamente em população normativa.

Relativamente à amostra do presente estudo, esta é composta por jovens com comportamentos delinquentes e de um estrato social baixo, e seria interessante a realização de um estudo semelhante, mas em população considerada normativa para posterior elaboração de comparações. Ainda em relação à amostra, seria pertinente um estudo semelhante ao presente, mas com uma amostra de maior dimensão.

Seria, igualmente interessante, investigar com maior profundidade a função da amizade nos jovens com comportamentos delinquentes, com o intuito de compreender o que para estes jovens representa a amizade e até que ponto é protectora ou potenciadora de comportamentos desviantes.

## Considerações Finais

O presente estudo permitiu compreender de que forma os modelos internos dinâmicos, o funcionamento interpessoal e a qualidade das amizades se relacionam e articulam nos jovens com comportamentos delinquentes internados num centro educativo.

Foi possível verificar que os modelos internos dinâmicos de vinculação se parecem estabelecer de forma muito específica e delimitada, uma vez que surgem de forma independente no que respeita às variáveis do desenvolvimento e contexto, tais como a idade, a nacionalidade ou o estado civil dos pais. Já no que concerne às representações de objecto internalizadas, percebeu-se que estas são mais permeáveis a essas variáveis, encontrando-se relacionadas com a existência ou ausência de institucionalização anterior. Foi possível constatar que para o tipo de população em estudo a escala *SCORS* demonstra mais variabilidade e discriminação nos níveis patológicos do que as *NRVA*.

Finalmente, parece que os jovens com um padrão de vinculação insegura procuram geralmente autonomia precoce e extrema, revelando a sua insegurança e a fragilidade e evidenciando dificuldade na superação das suas dificuldades de forma adaptativa. É importante salientar que o facto da vinculação insegura se encontrar relacionada com o comportamento desviante pode produzir hostilidade contra os pais, diminuindo o seu poder no exercício de controlo do comportamento dos filhos e tornando este funcionamento num ciclo vicioso, em que predomina a insegurança e a *desvinculação*. Por conseguinte, os amigos desempenham frequentemente um papel de substituição com o propósito de preencher um vazio emocional deixado pela família. Uma situação que potencia o desenvolvimento de um percurso desviante nos jovens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, M. (2010). *Qualidade da Vinculação e Qualidade da Amizade em Pré-Adolescentes*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia Educacional. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa.
- Ainsworth, M., (1969). Object relations, dependency and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M. (1991). Attachment and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*. Nova Iorque: Routledge.
- Alberoni, F. (1988). *Amizade*. Bertrand Editora.
- Allen, J. P., Moore, C., Kuperminc, G., & Bell, K. (1998). Attachment and adolescent psychosocial functioning. *Child Development*, 69, 1406-1419.
- Allen, J. P., & Land D. (1999). Attachment in Adolescence. *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications*. Nova Iorque: Guilford Press.
- Allen, J. P., Marsh, P., McFarland, C., McElhaney, K. B., Land, D. J., & Jodl, K. M. (2002). Attachment and autonomy as predictors of the development of social skills and delinquency during midadolescence. *Journal of Consulting & Clinical Psychology*, 70, 56-66.
- Allen, J. P., McElhaney, K. B., Land, D. J., Kuperminc, G. P., Moore, C. M., & O'Beirne-Kelley, H. (2003). A secure base in adolescence: Markers of attachment security in the mother-adolescent relationship. *Child Development*, 74, 292-307.
- Allen, J., Porter, M., McFarland, C., McElhaney, K., Marsh, P. (2007). The Relation of Attachment Security to Adolescents' Paternal and Peer Relationships, Depression, and Externalizing Behavior. *Child Development*, 78 (4), 1222-1239.

- Ammaniti, M., Ijzendoorn M. H., Speranza, A. M., & Tambelli R. (2000). Internal working models of attachment during late childhood and early adolescence: An exploration of stability and change. *Attachment & Human Development*, 2 (3), 328–346.
- Berndt, T. J., (2004). Children's friendships: Shifts over a half-century in perspectives on their development and their effects. *Merrill-Palmer Quarterly*, 50, 206-223.
- Bienenfeld, D. (2005). *Psychodynamic theory for clinicians*. Philadelphia: Lippincott Williams & Williams (LWW).
- Blos, P. (1967). The Second Individuation Process of Adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 22, 162-174.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss, Vol II: Separation, Anxiety and Anger*. Londres: Penguin Books.
- Bowlby, J. (1969, 1982). *Attachment and Loss, Vol I: Attachment*. Nova Iorque: Basic Books.
- Bowlby, J. (1984). *Apego, Vol. I: Trilogia apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Bowlby, J. (1985). *Perda, Vol. III: Trilogia apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Booth-LaForce, C. & Kerns, K. A. (2009). Child-parent attachment relationships, peer relationships, and peer-group functioning. In Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Laursen, B. (Eds.) *Handbok of peer interactions, relationships, and groups*, 490-507. New York: Guilford Press.
- Branco, M. E. (2000). *Vida, pensamento e obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. In I. Bretherton, & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 50 (1-2), 3-35.
- Bretherton, I. (1992). The Origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Bretherton, I., Ridgeway, D. & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story completion task for 3-year-olds. In M.

- Greenberg, D. Cicchetti & M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research and intervention*, 273-308. Chicago: University of Chicago Press.
- Bretherton, I. & Munholland, K. A. (2008). Internal Working Models in Attachment Relationships. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*, 3-22. New York: Guilford Press.
- Bukowski, M. W., Motzoi, C. & Meyer, F. (2009) Child-parent attachment relationships, peer relationships, and peer-group functioning. In Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Laursen, B. (Eds) *Handbok of peer interactions, relationships, and groups*, 217-229. New York: Guilford Press.
- Calabrese, M. L., Farber, B. A., Westen, D. (2005). The Relationship of Adult Attachment Constructs to Object Relational Patterns of Representing Self and Other. *Journal of The American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry*, 33 (3), 513-530.
- Campos, P. B (1989) *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, M. (2004). Entre as malhas do desvio: Jovens, espaços, trajetórias e delinquências. *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, 1-17.
- Cassidy, J. (1998). *Attachment and Object Relations Theories and the Concept of Independent Behavioral Systems*. Blackwell Publishers.
- Cassidy, J. (1999). Relations among relationships: Contributions from attachment theory and research. In: *Handboock of attachment: Theory, research , and clinical applications*, 688-712 . New York: Guilford Press.
- Cassidy, J. (2008). The Nature of the Child's Ties. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*, 3-22). New York: Guilford Press.
- Cauce, A. M., Mason, C., Gonzales, N., & Hiraga, Y. (1996). Social support during adolescence: Methodological and theoretical considerations. In K. Hurrelmann & S. Hamilton (Eds.), *Social problems and social contexts in adolescence: Perspectives across boundaries*. Nova Iorque: Aldine de Gruyter.

- Ciairano, S., Rabaglietti, E., Roggero, A., Bonino, S., & Beyers, W. (2007). Patterns of adolescent friendships, psychological adjustment and antisocial behavior: The moderating role of family stress and friendship reciprocity. *International Journal Behavioral Development, 31*, 419-428.
- Claes, M. & Simard, R. (1992). Friendship characteristics of delinquent adolescents. *International Journal of Adolescence and Youth, 3*, 287-301.
- Clarke-McLean, J. (1996). Social Networks Among Incarcerated Juvenile Offenders. *Social Development, 5* (2), 203-217.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: The structure and function of working models. In K. Bartholomew, & D. Pearlman (Eds.), *Attachment processes in adulthood: Advances in personal relationships*, 53-90. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Costa, M. E. (1998). *Novos encontros de amor: amizade, amor e sexualidade na adolescência*. Porto: Edinter.
- Criss, M. M., Pettit, G. S., Bates, J. E., Dodge, K. A., & Lapp, A. L. (2002). Family adversity, positive peer relationships, and children's externalizing behavior: A longitudinal perspective on risk and resilience. *Child Development, 73*, 1220-1237.
- Crowell, J. A., Fraley, R. C., Shaver, P. R. (1999). Measurement of Individual Differences in Adolescent and Adult Attachment. *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications*. Nova Iorque: Guilford Press.
- Dishion, T. J., Andrews, D. W., & Crosby, L. (1995). Antisocial Boys and Their Friends in Early Adolescence: Relationship Characteristics, Quality, and Interactional Process. *Child Development, 66*, 139-151.
- Dishion, T. J., McCord J., & Poulin, F. (1999). When interventions harm: Peer groups and problem behavior. *American Psychologist, 54* (9), 755-764.
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi.
- Dykas, M. J., Woodhouse, S. S., Cassidy, J., & Waters, H. S. (2006). Narrative assessment of attachment representations: Links between secure base scripts and adolescent attachment. *Attachment & Human Development, 8* (3), 221-240.

- Fishler, P., Sperling, M., & Carr, A. (1990). Assessment of adult relatedness: a review of empirical findings from object relations and attachment theories. *Journal of personality assessment*, 55 (3&4), 499-20.
- Foucault, M. (1997). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.
- Fraley, R., & Spieker, S. (2003). Are infant attachment patterns continuously or categorically distributed? A taxometric analysis of Strange Situation behavior. *Developmental Psychology*, 39, 387–404.
- Gama, A. S. (2004). *A qualidade da vinculação nas crianças institucionalizadas*. Tese de Mestrado em Psicologia Educacional. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A.. (2003). *Relações de Objecto na teoria psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- Hartup, W. W. (1993). Adolescents and their friends. In B. Laursen (Ed.), *New directions for child development: No. 60. Close friendships in adolescence*. São Fransisco: Jossey-Bass Inc.
- Haynie, D. L. (2002). The Relative Nature of Peer Delinquency. *Journal of Quantitative Criminology*, 18 (2), 99-134.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry: An International Journal of Peer Commentary and Review*.
- Houtzager, B., & Baerveldt, C. (1999). Just like normal: A Social network study of the relation between petty crime and the intimacy of adolescent friendships. *Social Behavior & Personality: An International Journal*, 27 (2), 177.
- Howes, C. (1983). Patterns of friendship. *Child Development*, 54, 1041-1053.
- Keefe, K., & Berndt, T. J. (1996). Relations of friendship quality to self-esteem in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 16 (1), 110-129.
- Kerns, K. A., Klepac, L., Cole A. (1996). Peer Relationships and Preadolescents' Perceptions of Security in the Child-Mother Relationship. *Developmental Psychology*, 32 (3), 457-466.

- Kobak, R. R., & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: Working models, affect regulation, and representations of self and others. *Child Development, 59*, 135-146.
- Lansford, J. E., Criss, M. M., Pettit, G. S., Dodge, K. A., & Bates, J. E. (2003). Friendship quality, peer group affiliation, and peer antisocial behavior as moderators of the link between negative parenting and adolescent externalizing behavior. *Journal of Research on Adolescence, 13* (2), 161-184.
- Larson, R., & Richards, M. H. (1991). Daily companionship in late childhood and early adolescence: Changing developmental contexts. *Child Development, 62*, 284-300.
- Luborsky, L. (1990). The *Relationship Anecdotes Paradigm (RAP)* Interview as a Versatile Source of Narratives, 102-116. In L. Luborsky, & P. Crits-Christoph (Eds), *Understanding Transference*. New York: Basic Books.
- Main, M. (1981). Avoidance in the service of attachment: A working paper. In K. Immelman, G. Barlow, M. Main & L. Petrino (eds) *Behavioral development: The Bielefeld interdisciplinary project*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Main, M. (1990). Cross-cultural studies of attachment organization: Recent studies, changing methodologies, and the concept of conditional strategies. *Human development, 33*, 48-61.
- Martins, P. (2005). *A Qualidade dos Serviços de Protecção às Crianças e Jovens - As Respostas Institucionais*. VI Encontro Cidade Solidária: Crianças em risco: Será possível converter o risco em oportunidade?. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Matos, A. C. (1986). A delinquência – Perspectiva psicodinâmica. *Alter-Ego, 2*, 75-83.
- Matos, M. (1996). Adolescer e delinquir. *Análise psicológica, 1* (XIV), 23-29.
- Matos, P., & Costa, M. (1996). Vinculação e Processos Desenvolvimentais nos Jovens e Adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica, 12*, 45-54.
- Matos, A. C. (2002). Notas sobre a delinquência juvenil. In *Adolescência: Obras de António Coimbra de Matos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- McElhaney, K., Immele, A., Smith, F., Allen, J. (2006). Attachment organization as a moderator of the link between friendship quality and adolescent delinquency. *Attachment & Human Development, 8* (1), 33-46.

- Miljkovitch, R. (2004). A vinculação ao nível das Representações. In N. Guedeney & A. Guedeney (2004). *Vinculação: conceitos e aplicações* (1 ed.). Lisboa: Climepsi.
- Montagner, H. (1993). *A Vinculação: A aurora da ternura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Mota, C. P., & Matos P. M. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação. *Psicologia e Sociedade*, 20 (3), 367-377.
- Mota, C. P. & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 2 (28), 245-254.
- Oppenheim, D. & Waters, E. (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development and assessment. In E. Waters, B. Vaughn, G. Posada & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60, 197-215.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1987). Peer relations and later personal adjustment: Are low-accepted children at risk? *Psychological Bulletin*, 102, 357-389.
- Parker, J.G., & Asher, S.R. (1989). *Friendship Quality Questionnaire-Revised: instrument and administration manual*. University of Michigan.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1993). Friendship and Friendship Quality in Middle Childhood: Links With Peer Group Acceptance and Feelings of Loneliness and Social Dissatisfaction. *Developmental Psychology*, 29 (4), 611-621.
- Paulino, C. (2010). *A Vinculação, o Auto-Conceito e o Funcionamento Interpessoal*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa.
- Pinto, A., Torres, N., Maia, J., Veríssimo, M. (2010) Modelos Internos Dinâmicos de Vinculação e Relações de Objecto Internalizadas: Análise de narrativas em crianças dos 5 aos 7 anos. In C. Nogueira, I. Silva, L. Lima, A. T. Almeida, R. Cabecinhas, R. Gomes, C. Machado, A. Maia, A. Sampaio & M. C. Taveira (Eds.), *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 1707-1722.

- Poulin, F., Dishion, T. J., & Haas, E. (1999). The peer influence paradox: Friendship quality and deviancy training within male adolescent friendships. *Merrill-Palmer Quarterly*, 45, 42–61.
- Priel, B., & Besser, A. (2001). Bridging the gap between attachment and object relations theories: A study of the transition to motherhood. *British Journal of Medical Psychology*, 74, 85-100. The British Psychological Society.
- Rabaglietti, E., & Ciairano, S. (2008). Quality of friendship relationships and development tasks in adolescence. *Romanian Association for Cognitive Science*, 12 (2), 183-203.
- Rubin, K. H., Bukowski, W., & Parker, J. G. (2004). Peer interactions, relationships, and groups. In *Handbook of child psychology, Vol 3: Social, emotional, and personality development*.
- Saferstein, J. A., Neimeyer, G. J., & Hagens, C. L. (2005). Attachment as a predictor of friendship qualities in college youth. *Social Behavior and Personality*, 33 (8), 767-776.
- Sandler, I. N., Ayers, T. S., Wolchik, S. A., Tein, J. Y., Kwok, O. M., Haine, R. A., *et al.* (2003). Family Bereavement Program: Efficacy of a theory-based preventive intervention for parentally bereaved children and adolescents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71, 587–601.
- Savin-Williams, R. C., & Berndt, T. J. (1990). Friendship and peer relations. In S. Feldman & G. R. Elliot (Eds.), *At the threshold: The developing adolescent*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Schaffer, H. R. (1996). *Desenvolvimento social da criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Schneider, B. H., Atkinson, L., & Tardif, C. (2001). Childparent attachment and children's peer relations: A quantitative review. *Developmental Psychology*, 37, 86-100.
- Silva, D. F. (2002). *O desenvolvimento das trajetórias do comportamento delincente em adolescentes infratores*. Tese de Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia. Porto Alegre.

- Silva, A. (2007). *O Estilo de Vinculação e o Desenvolvimento de Comportamentos Delinquentes: Factor de Risco ou de Protecção*. Tese de Mestrado em Psicologia Legal. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa.
- Solomon, J. & George, C. (1999). The measurement of attachment security in infancy and childhood. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*, 287-316. New York: Guilford Press.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbusch, S. M. (1994). Overtime changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 65, 754–770.
- Steinberg, L. (1999). *Adolescence*. Boston: McGraw-Hill.
- Steiner, M. C., Arjomand, M., & Waters, H. S. (2003). *Adolescents' representation of close relationships*. Paper presented at the Biennial Meeting of the Society for research in Child Development, Tampa, FL.
- Strayer, F. F. (1980). Social ecology of the preschool peer group. In W. A. Collins (Ed.), *Development of cognition, affect and social relations*, 13, 165-196. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Summers, F. (2002). Object relations psychotherapy. In M. Hersen, & W. Sledge (Eds. in chief), *Encyclopedia of Psychotherapy*, 2, 235-244. USA: Elsevier Science.
- Torres, N., Santos, A. J., & Santos, O. (2008). Qualidade da vinculação ao pai e à mãe e o desenvolvimento da amizade recíproca em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), 435-445.
- Tribuna, F., & Relvas, A. P. (2007). Famílias de Acolhimento e Vinculação na Adolescência. In A. P. Relvas, & M. Alarcão, *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editores.
- Vaughn, B. E., & Santos, A. J. (2007). An Evolutionary/Ecological Account of Aggressive Behavior and Trait Aggression in Human Children and Adolescents. In Hawley, P.

- H., Little, T. D., & Rodkin, P. C. (Eds), *Agression and Adaptation: The Bright Side to Bad Behavior*. Londres: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Waters, E., & Sroufe, L. A. (1983). Social competence as a developmental construct. *Developmental Review*, 3, 79-97.
- Waters, E., & Beauchaine, T. (2003). Are there really patterns of attachment? Comment on Fraley and Spieker (2003). *Developmental Psychology*, 39 (3), 417-422.
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. (2001). *Are attachment scripts the building blocks of attachment representations?* Paper presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Minneapolis, MN.
- Waters, H. S., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development*, 8 (3), 185-197.
- Way, N., & Green, M. L. (2006). Trajectories of perceived friendship quality during adolescence: The patterns and contextual predictors. *Journal of Research on Adolescence*, 16 (2), 293-320.
- Weiner, I. B. (1995). *Perturbações Psicológicas na Adolescência*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Weiss, R. S. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In P. Marris, J. Stevenson-Hinde & C. Parkes (Eds.), *Attachment across the life cycle*. Nova Iorque: Routledge.
- Westen, D., Barends, A., Leigh, A., Mendel, M., & Silbert, D. (1990). *Social cognition and object relations scale (SCORS)*. Manual for coding interview data. University of Michigan.
- Westen, D., Lohr, N., Silk, K. R., Gold, L., & Kerber, K. (1990). Object Relations and Social Cognition in Borderlines, Major Depressives and Normals: A Thematic Apperception Test Analysis. *A Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 2 (4), 355-364.
- Westen, D. (1991). Social cognition and object relations. *Psychological Bulletin*, 109 (3), 429-455.

- Youniss, J. (1980). *Parents and peers in social development*. The University of Chicago Press.
- Youniss, J. & Smollar, J. (1985). *Adolescent Relations with Mothers, Fathers and Friends*. Chicago: University of Chicago Press.
- Youniss, J. (1986). Development in reciprocity through friendship. In C. Zahn-Waxler, E. M. Cummings, & R. Iannotti (Eds.), *Altruism and aggression: Biological and social origins*, 88-106. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Zegers, M., IJzendoorn, M., & Janssens, J. (2006). Attachment representations of institutionalized adolescents and their professional caregivers: Predicting the development of therapeutic relationships. *American Journal of Orthopsychiatry*, 76 (3), 325-334.
- Zimmermann, P. (1999). Structure and functioning of internal working models of attachment and their role for emotion regulation. *Attachment and Human Development*, 1, 55-71.
- Zimmermann, P. (2004). Attachment representations and characteristics of friendship relations during adolescence. *Experimental Child Psychology*, 88, 83-101.

# ANEXOS

## **ANEXO A**

*Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos* (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001) adaptação para adolescentes (Steiner, Arjomand & Waters, 2003)

## **CORTE DE CABELO (João & A Mãe)**

Fim de Semana

Envergonhado

Rir

Cortar o Cabelo

Mãe

Cabeleireiro

Mais Barato

Conversa

Novo Corte

Mau corte

Ela Própria

Abraço

## **A FESTA (João & A Mãe)**

Sexta Feira à Noite	Sofá	Mãe
Festa	Aborrecido	Alugar filme
Não foi convidado	Mãe	Pipocas
Triste	Conversar	Sorriso

## **JOGO DE FUTEBOL (João & O Pai)**

Torneio	Adversário	Perder
Nervoso	Combinar	Olhar
Pai	Estratégia	Pai
Perguntar	Início do jogo	Incentivar

## **ESTUDAR PARA O TESTE (João & O Pai)**

Estudar

Pai

Trabalham

Teste

Jornal

Conversam

Difícil

Olha

Sorriso

Preocupado

Ajuda

Dormir

## **O ACAMPAMENTO DA JOANA E DO PEDRO (Adulto-Adulto)**

Joana	Tenda	Fogueira
Pedro	Vento	Sombra
Bagagem	Cair	Sons
Pressa	Preocupação	Abraço

## **O ACIDENTE da SUSANA (Adulto-Adulto)**

Susana	Espera	Casa
Estrada	Miguel	Jantar
Acidente	Ferida	Cama
Hospital	Médico	Abraço

## **Anexo B**

*Relationship Anecdotes Paradigm* (Luborsky, 1990)

## Instruções *RAP*

O entrevistador fornece as seguintes instruções para as 5 histórias [mãe (1), pai (1) e amigos (3)] pedidas:

Por favor, fala-me de alguns incidentes ou eventos, em que estejas em relação com alguém. Cada um deve ser um incidente específico. Para cada um deles (1) diz quando aconteceu, (2) com quem estavas, (3) algo que a outra pessoa tenha dito ou feito, e (4) o que aconteceu no fim. Tem que ser sobre um evento específico que foi importante para ti ou que tenha sido um problema. Demora mais ou menos 3 minutos e no máximo 5 a contar cada um. Isto é uma forma de falares sobre as tuas relações.

Pontos a ter em consideração:

- A entrevista é gravada;
- A gravação começa com o nome do entrevistado ou com as suas iniciais;
- O entrevistador acrescenta a data da gravação e o nome do entrevistador.

Contigências:

- Para ajudar os entrevistados que têm dificuldade em ser detalhados ou quando os seus episódios são curtos: *Pode falar-me um pouco mais sobre esse incidente?*;
- Para ajudar os entrevistados que têm dificuldade em encontrar relações para contar: *Conte apenas sobre qualquer incidente, evento ou interacção com alguém que conhece há mais tempo ou mais recente. Conte o que se lembrar agora.*;
- Para ajudar os entrevistados que acham que as palavras dadas na instrução são um obstáculo para encontrar qualquer evento que seja “importante para si”, o entrevistado deve dizer: *Diga o que costuma pensar de certos eventos ou incidentes*;
- Para ajudar os entrevistados que acham difícil recordar qualquer conversa: *Não é necessário dizer exactamente como foi a conversa, diga apenas a ideia geral desta, ou conte apenas o que se recordar.*

## **Anexo C**

*Friendship Quality Questionnaire* (Parker & Asher, 1989)

**(vide ficheiro anexo)**

## FQQ

---

### Dados Pessoais:

Nome: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Género:  Masculino

Feminino

Escola: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

---

Data de Preenchimento do Questionário: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## INDICAÇÕES

Todas as pessoas têm amigos. Gostaríamos que pensasses no teu melhor amigo(a), que tens na tua escola. Agora, por favor escreve:

O seu **Nome e Apelido**: \_\_\_\_\_

O seu **Ano de Escolaridade**: \_\_\_\_\_ e a sua **Turma**: \_\_\_\_\_

Lembra-te que só podes escolher UM(A) amigo(a) e responde a todas as questões pensando sempre nele(a) e na **vossa** amizade. Para responderes deves fazer um círculo à volta do número que melhor corresponde à tua resposta.

1	2	3	4	5
Nada Verdadeiro	Um pouco Verdadeiro	Verdadeiro	Bastante Verdadeiro	Muito Verdadeiro

- 
- |  |   |   |   |   |   |
|--|---|---|---|---|---|
| 1. Eu e o (a) _____ moramos muito perto um do outro.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Eu e o (a) _____ sentamo-nos sempre juntos durante o almoço.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Eu e o (a) _____ ficamos furiosos um com outro muitas vezes.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. O (A) _____ diz-me que eu sou bom a fazer coisas.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Se outros colegas falam de mim nas minhas costas, o (a) _____ defende-me.                                       | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Eu e o (a) _____ fazemos com que cada um de nós se sinta importante e especial.                                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Eu e o (a) _____ escolhemo-nos sempre um ao outro para parceiros nas coisas.                                    | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Se o (a) _____ magoa os meus sentimentos, ele (ela) pede-me desculpa.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Eu sei que o (a) _____ às vezes diz coisas más de mim a outros colegas.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Posso sempre contar com o (a) _____ para ter boas ideias de jogos para nós brincarmos.                         | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Se eu e o (a) _____ ficarmos zangados um com o outro, falamos sempre sobre o modo como ultrapassar essa zanga. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. O (A) _____ gostará sempre de mim, mesmo que as outras crianças não gostem.                                    | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. O (A) _____ diz-me que eu sou bastante esperto.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Eu e o (a) _____ contamos sempre um ao outro os nossos problemas.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
-

1	2	3	4	5
Nada Verdadeiro	Um pouco Verdadeiro	Verdadeiro	Bastante Verdadeiro	Muito Verdadeiro

- 
15. O (A) \_\_\_\_\_ faz-me sentir bem com as ideias que tenho. 1 2 3 4 5
- 
16. Quando estou zangado com alguma coisa que me aconteceu, posso sempre contar ao (à) \_\_\_\_\_ o que se passa. 1 2 3 4 5
- 
17. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ ajudamo-nos muito um ao outro com pequenas tarefas. 1 2 3 4 5
- 
18. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ fazemos favores especiais um ao outro. 1 2 3 4 5
- 
19. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ fazemos coisas muito divertidas. 1 2 3 4 5
- 
20. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ discutimos muito. 1 2 3 4 5
- 
21. Eu nunca posso contar com o (a) \_\_\_\_\_ para cumprir uma promessa. 1 2 3 4 5
- 
22. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ vamos a casa um do outro. 1 2 3 4 5
- 
23. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ brincamos sempre juntos durante o recreio. 1 2 3 4 5
- 
24. Quando tenho dificuldade em fazer alguma coisa, normalmente peço ajuda e opinião ao (à) \_\_\_\_\_. 1 2 3 4 5
- 
25. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ falamos das coisas que nos deixam tristes. 1 2 3 4 5
- 
26. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ fazemos facilmente as pazes quando brigamos. 1 2 3 4 5
- 
27. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ brigamos muito. 1 2 3 4 5
- 
28. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ estamos sempre a partilhar coisas como canetas, brinquedos e jogos, um com o outro. 1 2 3 4 5
- 
29. Se eu e o (a) \_\_\_\_\_ estamos zangados um com o outro, falamos sempre do que poderíamos fazer para nos sentirmos melhor. 1 2 3 4 5
- 
30. Se eu contar um segredo ao (à) \_\_\_\_\_, sei que posso confiar que ele (ela) não conta a ninguém. 1 2 3 4 5
- 
31. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ chateamo-nos um ao outro muitas vezes. 1 2 3 4 5
- 
32. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ temos sempre boas ideias na forma de fazermos as coisas. 1 2 3 4 5
- 
33. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ estamos sempre a emprestar coisas um ao outro. 1 2 3 4 5
- 
34. O (A) \_\_\_\_\_ ajuda-me nas coisas de modo a que eu consiga despachar-me. 1 2 3 4 5
-

1	2	3	4	5
Nada Verdadeiro	Um pouco Verdadeiro	Verdadeiro	Bastante Verdadeiro	Muito Verdadeiro

- 
35. O (A) \_\_\_\_\_ e eu terminamos as nossas discussões muito depressa. 1 2 3 4 5
- 
36. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ contamos sempre um com o outro para termos boas ideias para fazermos as coisas. 1 2 3 4 5
- 
37. O (A) \_\_\_\_\_ não ouve as minhas opiniões. 1 2 3 4 5
- 
38. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ contamos muitas coisas privadas um ao outro. 1 2 3 4 5
- 
39. Eu e o (a) \_\_\_\_\_ ajudamo-nos muito um ao outro com o trabalho da escola. 1 2 3 4 5
- 
40. Eu e o \_\_\_\_\_ contamos segredos um ao outro. 1 2 3 4 5
- 
41. O (A) \_\_\_\_\_ importa-se com os meus sentimentos. 1 2 3 4 5
-